



R

REVISTA REVESTRÉS #47
EDIÇÃO FRANCISCA TRINDADE

NAIR BENEDICTO
CAMINHANDO E CANTANDO COM VANDRÉ
LUCÍLIO DE ALBUQUERQUE
O FUNDO DE QUINTAL DO MARANHÃO

www.revistarevestres.com.br



ONIX > COLCHÃO DE MOLAS > BONNEL

O *conforto* que o
seu corpo *merece.*



WWW.COLCHAOONIX.COM.BR   COLCHAOONIX

COLCHÃO®
Onix

EDITORIAL POR ANDRÉ GONÇALVES

TODO FIM SIGNIFICA RECOMEÇO

Parece quase inacreditável. Mas, pelo menos no calendário, esse interminável ano de 2020 chegou ao fim. Um ano que nos encheu de medos, inseguranças, tristezas, dores. E testou violentamente nossa capacidade de resistir, de superar, de tolerar o incerto e de ressignificar o que pode ser chamado de “saúde”.

O ano termina com a esperança da vacina - apesar de todos os percalços que a inépcia e o descaso do poder federal estabelecido deixam pelo caminho. A esperança de que nós, que conseguimos passar por esse ano, consigamos fazer a vida seguir em frente, em respeito e até mesmo em homenagem aos que não estarão conosco. Por essas pessoas, precisamos acreditar que há um futuro. E que ele pode ser vivido, criado, alterado por nós e pelos nossos sonhos.

Para Revestrés, como para todas as pessoas do mundo, não foi fácil. Mas aqui estamos, e fizemos essa edição, mais uma vez, como quem respira. Aos poucos. Sem desistir. Buscando o máximo de frescor para seguir em meio ao caos. E trazendo gente e histórias inspiradoras, na arte, na cultura, no conhecimento, na leveza do viver simples. Na luta pelas liberdades e por uma vida melhor.

Poucas pessoas podem simbolizar tanto tudo isso quanto Nair Benedicto, nossa entrevistada da edição #47. Ela enfrentou a ditadura civil-militar brasileira de cabeça erguida, sem fraquejar. E, com seu talento, contribuiu como poucas pessoas ao contar boa parte da história recente do país através de imagens. Aos 80 anos, segue fotografando. E questionando, provocando, construindo pontes. Tão inspiradora que trouxemos seu trabalho também para o ensaio fotográfico. Nair transborda limites.

Na reportagem, fomos em busca de uma figura

icônica da música brasileira: Geraldo Vandré que, com sua música-hino, Pra não dizer que não falei das flores, marcou a MPB e gerou controvérsias e mistérios. Resgatamos histórias e segredos da música que há meio século faz parte da memória nacional.

Mais duas matérias sobre música, e em tons tão diferentes que podem retratar um pouco da capacidade de reinvenção tão necessária nesses tempos: conversamos com o pessoal que faz o estilo Lo-fi, que vem ganhando adeptos e fãs, em especial pelas redes sociais. E também falamos com os meninos da banda O Fundo de Quintal (não, não é aquela do samba): garotos do interior do Maranhão que também estão usando as redes sociais para mostrar sua alegria, ironia e espontaneidade, mais que necessárias para os dias de hoje.

Falamos também com Laerte e sua veia crítica e talento incontornável, fomos ao Porto conversar com uma artista que cria suas artes a partir de consultas ao tarot e mostramos um pouco da vida e obra do pintor piauiense Lucílio de Albuquerque, que teve muita influência na arte brasileira - mas pouca gente sabe.

E tem muito mais nessa edição que fecha 2020. Uma edição que homenageia uma pessoa conhecida no Piauí como guerreira: Francisca Trindade, mulher, negra e feminista, e que fez história trabalhando incansavelmente pelas causas sociais mais urgentes e necessárias.

Essa edição #47 traz as “deixas” para o ano que está chegando: não podemos deixar de lutar, de acreditar e de sonhar. Fazendo arte, literatura, música, poesia, fotografia, conhecimento. Só assim vamos conseguir seguir em frente.

A palavra de ordem é essa: seguir. Em frente. 🚶



FOTO DE CAPA: NAIR BENEDICTO

REVESTRÉS
LITERATURA
ARTE
CULTURA
E FOTOGRAFIA

Quimera
EVENTOS, CULTURA E EDITORAÇÃO

REVISTA REVESTRÉS
EDIÇÃO FRANCISCA TRINDADE
ISSN 2238 8478 N°47
Dezembro 2020 - Janeiro 2021
Uma publicação da:
Quimera - Eventos, Cultura
e Editoração Ltda

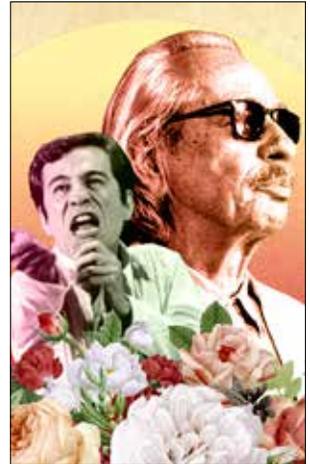
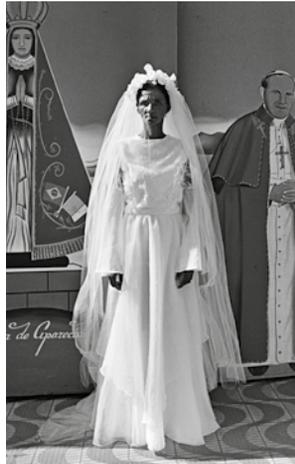
ASSINATURAS, ANÚNCIOS, CONTATOS,
E NÚMEROS ANTERIORES
Rua Afonso Nogueira, nº 510 - norte,
sala 204, Centro, Cep 64000-290
Teresina - PI
Telefone: (86) 3011-2420
(86) 3011-2420 / 9 8884-7366

www.revistarevestres.com.br
revistarevestres@gmail.com
facebook.com/revistarevestres
twitter.com/@revestres
instagram: @revestres
DIRETORES RESPONSÁVEIS
André Gonçalves, Wellington Soares

CONSELHO EDITORIAL
André Gonçalves, Luana Sena,
Wellington Soares, Sâmia Andrade
ADMINISTRATIVO
Adriano Leite
EDITOR DE FOTOGRAFIA
Maurício Pokemon

REPORTERES
Aldenor Cavalcante, Luana Sena,
Olhana Luizze, Valéria Soares
DIREÇÃO DE ARTE
Área de Criação
IMPRESSÃO
Hallely SA Gráfica e Editora

SUMÁRIO



08 ENTREVISTA

Nair Benedicto: "Ser presa e torturada é uma coisa que você vai guardar pro resto da vida!"

19 ENSAIO

Nair Benedicto: 80 anos e contando a história em imagens.

36 HOMENAGEM

Guerreiríssima Trindade: movimento social, moradia, mulheres e contra o racismo.

38 REPORTAGEM

Caminhando e cantando: pra não dizer que não falamos de Vandré.

48 MÚSICA

Vá até o YouTube e digite Lo-fi.

52 TIPOS

O Fundo de Quintal: garotos do interior do Maranhão são "O" sucesso!

56 ARTES PLÁSTICAS

Lucílio de Albuquerque: o piauiense foi um dos artistas mais influentes do século XX.

60 INSPIRAÇÃO

Isadora Machado, cartas de tarot e intuição para trabalhos exclusivos.

62 BRASIL

Laerte: "Eu faço parte da mídia".

64 GASTRONOMIA

Chefs de cozinha radicalizam com ingredientes regionais.

30 OPINIÃO

Patrícia C. Guimarães

32 OPINIÃO

Por Pedro Henrique S. Queiroz

34 CRÔNICA

Por Rogério Newton

68 PEIXE VORAZ

Por Leo Galvão

70 TRABALHOS NO SUBSOLO

Por Manoel Ricardo de Lima

72 EU QUE FIZ

Por Ednardo

74 FICÇÃO

Por José Rezende Jr.

76 10 DICAS

Por Hugo dos Santos

77 REVES DICAS

Livro, filme, música

78 UM OUTRO OLHAR

Por Rita Santana

ARMANDINHO

POR ALEXANDRE BECK



O "DESCOBRIMENTO";
A ESCRAVIDÃO; A
DITADURA...



Alexandre Beck 3556/20

FALA LEITOR



CAPA

Que capa incrível!
JOICEBERTH - INSTAGRAM

Parabéns pela capa
e conteúdo. Vida
longa à Revestres!
ROGER ARRUDA - FACEBOOK

Capa massa desse grande
artista, Irineu Santiago!
DITOANJO - INSTAGRAM

ENTREVISTA FONSECA NETO

Grande Fonseca Neto!
Meu mestre no curso
de História, na UFPI.
Sabe tudo!
SÉRGIO PIAUILINO
FACEBOOK

Esse número é urgente!
Salve o grande historiador
Fonseca Neto!
JULIE BRANCO - FACEBOOK

HOMENAGEADO JOÃO CLAUDINO FERNANDES

É sempre bom lembrar
das várias facetas de
Seu João e a matéria
fez isso muito bem
no campo da cultura.
SUZANE JALES - FACEBOOK

Ele merece nossa gratidão
e homenagem.
CLAUDETE DIAS - INSTAGRAM

ENSAIO JOAQUIM CANTANHÊDE

Olhar atento, sensível
e criativo de Joaquim
Cantanhêde. Parabéns!
DANIEL SOLON - FACEBOOK

Esse ensaio é poderoso
e exala o abandono.
Fica um lamento sofrido.
Parabéns, Joaquim.
MANOEL SOARES - FACEBOOK

As fotografias do Joaquim
Cantanhêde são de uma
sensibilidade imensa!
DAIANE RUFINO - FACEBOOK

MAX PETERSON

Marminino, tu saiu foi
na revista... só as pregas
de Odete.
VANUSA_GALVAO43
INSTAGRAM

Todos os dias bato ponto
no instagram do Max e
quando estou com insônia
vou assisti-lo no YouTube.
JANEFORT10 - INSTAGRAM

A Revestres agradece às leitoras e leitores que nos apoiam em nossa campanha de financiamento coletivo no **Catarse** e no **Amigos Revestres**.
Muitíssimo obrigado!

ANDREIA SOARES
ASSUNÇÃO SOUSA
CAIO NEGREIROS
CAROLINA DE MOURA
CLEGIVALDO LEAL
CONCEIÇÃO VALENTE
DANIELLE CRAVEIRO
DONA RAIMUNDA
DOUGLAS MACHADO
ELIO FERREIRA
EMERSON ARAÚJO
ERICH GUSTAVO A. DE OLIVEIRA
FLAVIANO MARQUES
FRANCISCO ANTÔNIO
FRANCISCO LUCAS
FRANCISCO RUFINO
FREDERICO OSANAN
GEORGIA FERREIRA
HELDER SOUSA JACOBINA
HILDALENE PINHEIRO
ISADORA MELO
JOÃO FONTELES
JOÃO L ROCHA NASCIMENTO
JONAS MORAES
JOSÉ CARLOS ELIAS (FEIJÃO)
KAROLINE SILVA
KAYO DOUGLLAS

LAURENICE FRANÇA
LUCINEIDE BARROS
MARIA DE LOURDES DE ALMEIDA
MARIA F CARVALHO
MARIA SOCORRO
MARIA SUELI RODRIGUES DE SOUSA
MARIA FRANCISCA
MAYRA BRANDT SOARES LEÃO
MOISÉS OLIVEIRA
NAYARA SUYANNE SOARES COSTA
NOUGA CARDOSO
OLÍVIA ROCHA
PAULO PAIM
PEDRO JANSEN
PRISCILLA CARVALHO
RAIMUNDO DUTRA
RENATO LELIS
RITA SILVANA ORSANO
SÔNIA TERRA
SUSYANNE ALVES DE OLIVEIRA
TATIANA SOBRAL
TÉRCIO CÂMARA
VICENTE GOMES
VILMA DE BRITO
VIVIANE CARVALHO
WALBER TEIXEIRA LUSTOSA
WILSON SERAINE

ESSA EDIÇÃO TEM
APOIO CULTURAL
DO SEBRAE



COLABORADORES#47



ALEXANDRE BECK / Armandinho
Catarinense, é formado em Agronomia e Comunicação Social. Trabalha como ilustrador e cartunista há mais de 15 anos. Seu personagem Armandinho surgiu em 2009 e, no ano seguinte, passou a ter espaço permanente como tira de jornal. Sucesso nacional, a página de Armandinho no Facebook tem, hoje, mais de um milhão de seguidores.



EDNARDO / Eu que fiz
Cantor e compositor nascido em Fortaleza, Ceará. Lançou 14 discos e compôs mais de 300 músicas. Foi trilha em novela e cinema. É gravado por Ney Matogrosso, Elba Ramalho, Belchior, Fagner e outros grandes artistas brasileiros. Teve importante papel na promoção da cultura e músicas do Ceará. Entre seus sucessos está Pavão Misterioso.



HUGO DOS SANTOS / 10 dicas
Lançou quatro discos solo e, com Jean Richard (DJ PTK), formou o duo Tupi Machine. Tocou e colaborou com as bandas Captamata, Regaplanta, Fragmentos de Metrópole, Trinco, Flip e Ultrápico Solar. Produtor cultural, realizou os festivais Transpira (música), Curva (parceria com o espaço Campo, com várias linguagens artísticas) e Cultura do Bem (atividades culturais para crianças em tratamento do câncer).



JACQUELINE DOURADO / Entrevista
Jornalista, fotógrafa, professora do curso de jornalismo e do programa de pós-graduação em comunicação da Universidade Federal do Piauí. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Rio dos Sinos (UNISINOS), com pós-doutorado em comunicação e Arte pela Universidade da Beira Interior - UBI/Portugal.



JOSÉ REZENDE JR / Ficção
Mineiro de Aimorés, radicado em Brasília. GANHOU o Prêmio Jabuti com o livro de contos *Eu perguntei pro velho se ele queria morrer (e outras histórias de amor)*. Tem seis livros publicados, entre os quais o romance *A cidade inexistente*, finalista do Prêmio Oceanos e do Prêmio São Paulo.



LEO GALVÃO / Peixe voraz
Relações Públicas, faz amizade na fila de qualquer lugar e dentro do elevador, dorme cinco horas por noite, odeia palavras em inglês e é devoto absoluto de paçoca, maria isabel e carne de sol, nesta ordem.



foto: Amanda Queiroz

MANOEL RICARDO / Trabalhos no subsolo
Professor da Escola de Letras e do PPG-MS, Unirio. Publicou *Pasolini: retratações* (7Letras, 2019, com Davi Pessoa), *Avião de alumínio* (Quelônio, 2018, com Júlia Studart), *Maria quer o mundo* (Edições SM, 2015), entre outros. Coordena a coleção Móbile de miniensaios (Lumme Editor).



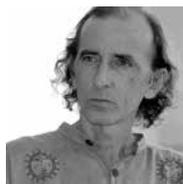
PATRÍCIA CUNEGUNDES GUIMARÃES / Opinião
Doutoranda em Comunicação na PUC-Rio, onde pesquisa o exílio no cinema documental chileno. Durante o mestrado, na Universidade de Brasília, pesquisou álbuns de fotografia e cinema documental latino-americano como lugares de memória das ditaduras civis-militares.



PEDRO HENRIQUE S. QUEIROZ / Opinião
Doutor em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente reside em Picos, Piauí, e atua como professor substituto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).



RITA SANTANNA / Um outro olhar
Nascida em Ilhéus, Bahia, é graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz, atriz, escritora e professora. Em 2004 ganhou o Braskem de Cultura e Arte para autores inéditos com o livro de contos *Tramela*. Publicou ainda *Tratado das Veias* (poesia), *Alforrias* (poesia) e *Cortesias* (poesia).



ROGÉRIO NEWTON / Crônica
Poeta, cronista, romancista. Publicou *Ruínas da memória* (1994), *Pescadores da tribo* (2001), *Último round* (2003), *Conversa escrita N'água* (2006), *Grão* (2011), *No coração da noite estrelada* (2015) e *Crônica dos enigmas de Oeiras* (2017).

A REVESTRÉS PRECISA DE SEU APOIO PARA CONTINUAR APOIANDO A CULTURA!

A partir de **R\$10** mensais você nos ajuda a seguir fazendo a Revestrés e as nossas demais atividades culturais. Bora lá?

Contribua com a Revestrés no Catarse:
catarse.me/apoierestres



“

**SER PRESA
E TORTURADA
É UMA COISA
QUE VOCÊ
VAI GUARDAR
PRO RESTO
DA VIDA!**

Do martírio na ditadura militar brasileira a fotografias em exposições de museus e revistas internacionais. Aos 80 anos e na ativa, Nair Benedicto aponta suas lentes para o mundo.



ENTREVISTA REVESTRÉS

NAIR BENEDICTO

Nair acabava de chegar à USP (Universidade de São Paulo), onde era estudante de Comunicação. Logo percebeu uma tensão no ar. Os amigos estavam deixando o *campus* e a aconselharam a ir para casa. A universidade estava repleta de policiais militares circulando. Antes daquele dia terminar, Nair estaria presa, pendurada por três horas e 45 minutos num pau de arara. Fez xixi e cocô naquelas condições e viu seus algozes se masturbarem enquanto ouvia ruídos do filho pequeno, na sala ao lado. Era dezembro de 1969.

O Brasil vivia a ditadura militar, iniciada em 1º de abril de 1964 e tornada mais dura desde o AI-5 (Ato Institucional número 5), de 1968, que radicalizou o regime: cassou mandatos políticos, fechou o Congresso Nacional, confiscou bens

A ESPERANÇA EQUILIBRISTA

EDIÇÃO SAMÁRIA ANDRADE
FOTOS ARQUIVO PESSOAL

privados, expulsou pessoas do país e deu carta branca para a perseguição, prisão e morte dos seus opositores. O presidente era o general Artur da Costa e Silva, que assumiu o comando do país em 1967, sendo o segundo presidente militar, em substituição ao Marechal Castello Branco.

Naqueles que ficaram conhecidos como os anos de chumbo da ditadura militar, qualquer comportamento poderia ser criminoso. Em documentário recente, *Narciso em Férias* (2020), Caetano Veloso lê o depoimento que prestou quando esteve preso (entre o final de 1968 e início de 1969) e revela: a acusação que pesava contra ele foi por ter, num show, parodiado de forma “desrespeitosa” o Hino Nacional. Além de insignificante, a denúncia era infundada. Mas valeu a Caetano e a Gilberto Gil 54 dias de prisão sem que lhes dissessem o motivo e, depois, a “recomendação” de que deixassem o país ou poderiam ser presos novamente.

Levando isso em conta, o crime da estudante Nair era muito mais grave. Ela tinha 29 anos, três filhos pequenos - Ariane, Danielle e Frederic, de 6 anos, 3 anos e um ano e meio - e era então casada com Jacques Breyton, francês, quase 20 anos mais velho, que tinha filhos do primeiro casamento. “Tua casa é uma putaria” – gritavam os que prenderam Nair.

O casal apoiava os movimentos de oposição à ditadura brasileira. Breyton foi militante da Resistência Francesa na

QUEM PARTICIPOU DESTA ENTREVISTA:



André Gonçalves

Publicitário, escritor, fotógrafo



Maurício Pokemon

fotógrafo



Samária Andrade

Jornalista, professora da Uespi



Wellington Soares

Professor e escritor



Jacqueline Dourado

Convidada Revestrés



É LAMENTÁVEL QUE ESSA JUVENTUDE NÃO TENHA UM DOCUMENTO ONDE ENTENDER O QUE É DITADURA, PAU DE ARARA, TORTURA PSICOLÓGICA, ARRANCAR DENTE, CHOQUE ELÉTRICO.

Segunda Guerra Mundial, combateu a invasão nazista em seu país e foi torturado pela Gestapo (polícia da Alemanha nazista) antes de ser libertado por tropas norte-americanas, receber medalhas como herói e vir morar no Brasil, nos anos 1950. Aqui montou uma empresa de luminárias. Depois, uma de iluminação, tornando-se empresário bem-sucedido e, bem mais tarde, colaborando na criação do Partido dos Trabalhadores (PT).

Nos anos 1960, ao lado de Breyton, Nair apoiava a ALN (Ação Libertadora Nacional), hospedando Carlos Marighella, emprestando a casa para reuniões e oferecendo suporte material ao grupo. “Eu era apoio logístico, nunca peguei em arma”, diz Nair a Revestrés. No livro *Marighella*, de Mário Magalhães, o casal aparece com funções como a de hospedar os que se dispunham a lutar de fato. Por ter mais idade, o francês terminava despertando desconfiança dos dois lados. Magalhães conta: “Breyton surgiu nos fóruns estudantis de 1968 junto com a mulher, Nair Benedicto, aluna da USP. De cabelos brancos, o coroa de 47 anos despertou a suspeita de que fosse ‘tira’”.

Presos no DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), órgão que comandava a repressão e chefiado pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury, Breyton e Nair foram separados e não tiveram acesso a advogados. Passaram dois meses incomunicáveis, sem saber do que exatamente eram acusados. Como em *O processo*, de Kafka, fazia parte da punição os prisioneiros não saberem seu suposto “crime” nem quando serão interrogados e julgados.

Do DOPS foram transferidos para o presídio Tiradentes, também em São Paulo, completando, ao todo, nove meses de prisão e torturas, entre o final de 1969 e meados de 1970. “Como pode ter três filhos e não ter barriga?” – os policiais inquiriram Nair. Diziam que seria a prova de que ela fazia treinamentos de guerrilha. Mais tarde, em entrevista, Breyton contou que sofreu mais nas mãos dos agentes do DOPS brasileiro do que quando esteve preso

em Montluc, prisão administrada por Klaus Barbie, oficial nazista conhecido como “Carniceiro de Lyon” e um dos responsáveis pelo Holocausto.

O processo que poderia ter destruído Nair viu nascer uma outra mulher. Com as marcas desse tempo – “Ser presa e torturada é uma coisa que você vai guardar pro resto da vida!” – e comprometida a fazer mais: “Saí da prisão com uma responsabilidade enorme, precisando fazer alguma coisa!”. Ela voltou para a universidade e, em 1972, se formou em Rádio e Televisão pela USP. Sonhava em trabalhar com TV, mas as empresas, fortemente censuradas, não deram emprego à ex-presidiária da ditadura. Foi para a fotografia quase por falta de opção e revelou-se uma das maiores fotógrafas brasileiras, com imagens em acervos de vários museus do mundo, como o MoMa, de Nova York, livros publicados e prêmios recebidos, além de colaborar com revistas nacionais e internacionais como *Veja*, *IstoÉ*, *Marie Claire*, *Paris Match*, *Newsweek* e *Time*.

Nair dedicou grande parte de seu trabalho a denúncias sociais, fotografando movimentos operários, trabalhadores sem-terra, indígenas, mulheres e travestis. Fundou a agência F/4 de Fotojornalismo, com Juca Martins (seu segundo marido), Delfim Martins e Ricardo Malta. A agência teve papel fundamental em discussões como direito autoral, crédito obrigatório e a instituição de uma tabela de preços mínimos. Depois fundou a N-Imagens e participou do coletivo NAFoto, realizando eventos de fotografia.

Por um tempo, evitava falar sobre sua prisão. Hoje, quando grupos radicais pedem a volta da ditadura militar, ela considera que é preciso romper silêncios e espantar de vez esse passado trágico. Nessa entrevista a Revestrés, Nair Benedicto, aos 80 anos e com voz amigável, fala sem pudor de alguns dramas, suspira e faz pausas em certos momentos, sorri em outros. “Eu não sou pessimista”, diz a mulher que, entre o muito que faz, ministra um *workshop* chamado “Eu não desisto de mim”.

“

EU PEGUEI TRÊS HORAS E 45 MINUTOS NO PAU DE ARARA! OS CARAS GOZAVAM ENQUANTO EU ESTAVA FAZENDO XIXI, COCÔ.

SAMÁRIA Podemos começar essa entrevista com um tema incontornável: o período da ditadura militar no Brasil, quando você foi presa e torturada. Hoje há um retorno a esse tema de diversas formas, seja em manifestações que pedem a volta da ditadura, seja em produções de cinema que recuperam os dramas do período, como nos filmes *Narciso em Férias* (Renato Terra e Ricardo Calil), onde Caetano Veloso se debruça sobre seus 54 dias de prisão, ou em *Fico te Devendo uma Carta sobre o Brasil* (Carol Benjamin), sobre as marcas da ditadura numa história familiar (César Benjamin, pai da diretora, foi preso ilegalmente aos 17 anos e permaneceu por três anos e meio em cela solitária, além de mais dois anos em prisão comum. Iramaya, mãe de César, se tornou militante pela anistia). O fato do tema da ditadura militar brasileira ressurgir de modos tão contrastantes significa que ainda não o discutimos suficientemente?

NAIR BENEDICTO Eu acho lamentável que essa juventude que está vindo aí, cheia de ideias, não tenha um documento onde entender o que é uma ditadura, o que é pau de arara, o que é tortura psicológica, o que é você arrancar dente, dar choque elétrico. É muito importante a gente saber dessas coisas. Quase não falar sobre isso foi uma falha de todos nós, pessoas progressistas. Na hora em que se começou a homenagear torturador com transmissão ao vivo pela TV, a gente tinha que ter tido uma posição firme (refere-se ao voto do então deputado federal Jair Bolsonaro pelo impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, fazendo homenagem ao coronel Brilhante Ustra, reconhecido torturador da ditadura militar). Um país que homenageia torturador não vai ser nunca uma nação, não vai ser nunca (repete com ênfase e arrasta a palavra “nunca”). Quando a gente deixou que isso acontecesse, estávamos enfiando o pé na lama em que estamos hoje.

WELLINGTON Tem algo ainda anterior a esse momento

que é o próprio modelo de anistia e abertura política no Brasil, quando torturadores não foram punidos, enquanto na Argentina e Chile militares responsáveis por comandos de tortura foram presos.

NB Quando tivemos a oportunidade da Comissão da Verdade logo surgiu o lema “revanchismo, não”, trazendo uma significação dúbia para a coisa (a Comissão Nacional da Verdade foi um órgão temporário criado para investi-

gar crimes da ditadura militar, a exemplo de outros países. No Brasil o regime militar durou de 1964 a 1985. A Comissão da Verdade foi criada quase 30 anos depois, em 2011, e extinta em 2014, ambos no governo Dilma Rousseff, presa e torturada pela ditadura). A gente não dá importância à ambivalência das palavras e vai formatando um país com permissividade para o mal. A Comissão da Verdade foi propositadamente mal-entendida pela elite. “Revanchismo” foi uma palavra que ficou ardendo na minha orelha. Porque parece que você, que é a vítima, está com ódio, querendo vingança, e o objetivo é outro: botar tudo em pratos limpos. Quando a gente não quer que aconteça de novo tem que ir fundo no que aconteceu. Discutir tudo era uma necessidade! Os militares estavam envolvidos? Estavam. Os Estados Unidos estavam envolvidos? Estavam. Teve dinheiro estrangeiro? Teve. A gente precisa mexer nisso sem pruridos, entendeu? No Brasil não houve punição e a Comissão da Verdade foi brecada sem terminar seu serviço. Eu acho que a gente precisa começar tudo de novo... (faz uma pausa, suspirando, e retoma com fôlego). No Brasil as tentativas absolutamente válidas de mudar coisas, as motivações das populações não ficam conhecidas, mas os golpes a gente conhece. A gente é um país de golpes, tudo que aconteceu nesse país foi através de golpe. O tempo inteiro a gente está nas mãos de uma elite que não quer perder nada e que tudo interpreta como perda.

WELLINGTON O que levou de fato à sua prisão na época da ditadura militar? E o que você guarda em sua lembrança, dessa época?

NB Olha, ser presa e torturada é uma coisa que você vai guardar pro resto da vida! (faz pausa). Não tem jeito, não tem jeito. Ou você se mata ou, se vive, vai levar aquilo ao longo dos anos. O teu encontro com quem te prende já começa errado, porque não importa quem você é – ele



vai abominar. Comigo foi isso: eu estava na USP, fazendo Comunicação, era jovem, tinha três filhos. Meu companheiro era francês (Jacques Breyton), mais velho que eu, e o filho dele morava conosco. Então eles falavam: “Tua casa é uma putaria”. Nesse dia eu tinha ido pra USP e o clima estava estranho: ninguém em aula, todo mundo indo pra casa, muitos militares circulando. Eu fui pra casa, esperei as crianças voltarem da escola e eles não voltavam. Minha mãe, uma moça que ajudava a gente e meu filho menor, que ainda não estudava, foram buscar as crianças e ninguém voltava. Daí eu liguei pro Jacques e falei “tô aflitíssima”. Eles (militares) haviam pegado o carro com minha mãe, a babá e meu filho pequeno e tinham levado pro DOPS. As meninas, de seis e três anos, tinham ficado largadas na porta do Liceu e a professora terminou acolhendo elas. Quando levaram eu e Jacques, minha mãe, a babá e nosso pequenininho de um ano e meio já estavam lá. Eu era apoio logístico de uma organização que lutava contra a ditadura, nunca peguei em armas. Eu ensinava meus filhos a amarrar sapato, trocar de roupa, bater leite no liquidificador – essas coisas de

independência que são necessárias -, e tudo isso me foi jogado na cara: “Que raio de mãe você é? Você não serve pra nada!” Eles falavam isso pra me deixar abatida, pra dizer que conheciam nossa rotina, mas também porque acreditavam nisso. Eu apanhei porque tinha três filhos e não tinha barriga! (fala com ênfase). Eles diziam que não ter barriga era a prova de que eu fazia treinamento de guerrilha! O que eu quero dizer pra vocês é: o encontro de nossa vida com essas pessoas que nos prendiam já dava merda desde o início. É uma mente doentia, que não admite o outro, que se o outro não for cópia dele, tá errado.

SAMÁRIA De tudo o que você passou nesse período, o que considera que foi a pior tortura?

NB Quando chegamos no DOPS, eles logo me separaram do Jacques e puseram nosso filho pequeno numa sala ao lado da minha, eu ouvindo os barulhinhos dele. Eles me diziam: “A gente pôs sua mãe no pau de arara e ela passou mal, tá no hospital militar. Se você não falar, a gente vai pôr teu filho no pau de arara”. Isso foi um horror!



A COMIDA QUE ELES ENTREGAVAM CHEGAVA EM BALDES, COM GORDURA NADANDO EM CIMA. NO TERCEIRO DIA A GENTE TAVA COM TANTA FOME QUE COMEU COM GORDURA E TUDO.

Ficamos o dia inteiro no DOPS, de uma hora da tarde até meia noite. Eu não sabia do Jacques, ele não sabia de mim, não se podia chamar advogado, eles dizendo que a gente tinha que falar. Mas eu pensei “vou ficar calma” (repete três vezes, como um mantra), e comecei a desenvolver um raciocínio que era o oposto do desespero. Pensei: se minha mãe foi no pau de arara e passou mal, não posso contar com ela, tenho que contar comigo mesma pra resolver essa questão. Então fui me fortalecendo e tirei da cabeça a ideia de falar qualquer coisa que eles perguntassem. Pensei: se você começa a falar, não tem limites. Eu peguei três horas e 45 minutos no pau de arara! Você começa a olhar aquelas pessoas... Os caras gozavam enquanto eu estava no pau de arara fazendo xixi, cocô. Eles gozam, se masturbam, entendeu? E você fica: “Meu Deus, quem é essa pessoa, o que fizeram ela ser isso que eu tô vendo?” (nova pausa).

SAMÁRIA O filme *Torre das donzelas* (2018) mostra como viviam mulheres presas pela ditadura militar brasileira no presídio Tiradentes (demolido em 1972). Entre essas mulheres estavam você e a ex-presidenta Dilma Rousseff. Como foi a convivência entre essas várias mulheres e seus contatos com Dilma? Você imaginou que

aquela mulher seria, um dia, presidenta do Brasil?

NB Fiquei pouco tempo com Dilma. Quando ela entrou eu já estava lá há muito tempo. O filme mistura mulheres de períodos diferentes e eu acho isso uma pena. O filme é importante, tem mulheres ali que já morreram, mas é uma pena não ter aproveitado depoimentos mais consistentes. Todas as mulheres as que passaram por aquele presídio tiveram aprendizagens, todas conseguiram ir rompendo as armadilhas daquela estrutura. No início não deixavam entrar livros, nada, e a gente começou a dar aulas umas pras outras. Eu dava aula de francês, outra dava aula de biologia, outra de inglês. A gente formava grupos pra tudo: fazer comida, limpar o espaço, organizar as aulas. A comida que eles entregavam chegava em baldes horrorosos, com gordura nadando em cima. No começo a gente ficou sem comer, como donzelas (risos). No terceiro dia a gente tava com tanta fome que comeu com gordura e tudo. A gente criou uns processos: a comida chegava, a gente lavava e escoava toda a gordura. Quando Dilma chegou já entravam livros e a gente fazia grupos de leitura e discussão. Dilma é uma pessoa brilhante! Ela estava determinada, decidida, o futuro dela ia ser

na política—não sei se ela pensava que chegaria a presidenta da república (risos), mas ela tinha os olhos voltados para a política. Tinha uma capacidade de síntese e de entendimento muito maior que a nossa. Ela lia, interpretava e devolvia o que a gente lia. Era algo fantástico!

WELLINGTON O Brasil aprendeu a ser um país melhor com essa experiência sofrida da ditadura militar?

NB O Brasil é um país com tantas condições de ser maravilhoso e onde não se aproveitou nenhuma. A gente tem uma mistura de raças, de preto, índio, japonês, italiano, francês. A gente tem muita coisa boa nesse ser humano que se denomina “brasileiro”. Mas tudo o que acontece de bom a gente expulsa do país. Paulo Freire, Glauber Rocha? Ovacionados no mundo inteiro; e aqui? Expulsos. Caetano Veloso, Gilberto Gil, Oscar Niemeyer, Darcy Ribeiro? Todos expulsos! Junto com essas pessoas, se expulsa o lado bom delas. Mas não sou uma pessoa pessimista. Acho que nós temos uma coisa de solidariedade, de alegria, que querem abafar. Mas alegria é coisa básica, nós precisamos, é como o ar, ela encontra um caminho.

ANDRÉ No período da ditadura militar a fotografia cumpriu papel de denúncia, de documento de uma

época, por meio do trabalho de grandes fotógrafos. Hoje, quando todo mundo tem a possibilidade do registro de imagem nas mãos, vamos continuar tendo o trabalho de grandes fotógrafos documentando momentos contemporâneos ou esses registros vão vir das pessoas comuns?

NB O que faz a fotografia não é o aparelho, é a pessoa que está segurando o aparelho (risos). Então a gente vai ter uma quantidade de fotografias enorme, impensável, vai ter fotos documentais, com todo o conhecimento que a pessoa tem; vai ter fotos que foi o acaso que fez; e vai ter fotos que são simples registros de situações. Na quantidade enorme de imagens, vai se perder mais coisas e vai se achar mais coisas. E a fotografia vai continuar: os Evandros (Teixeiras), os (Josef) Koudelkas, as Claudias Andujares vão continuar acontecendo.

MAURÍCIO Entendendo essa proliferação de possibilidades de captar imagens, qual seria o papel do fotojornalista de jornal hoje, qual a necessidade real de termos esses profissionais nas redações?

NB Hoje todo o jornal está em questão e não só o fotojornalista, né? A gente está falando de um momento de comunicação muito cheio de ruídos e de performances. Imagem de celular, pra mim, é outra linguagem. Mas, você gostando ou não, toda essa tecnologia que está aí veio pra ficar. O problema de aceitá-la não tem mais que ser discutido. Então as soluções têm que ser buscadas dentro da própria tecnologia. Pensando no total, como diz Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa (*Grande Sertão: Veredas*), acho que nosso drama é outro: é essa quantidade de *fake news* e a falta de controle sobre



“

DILMA É UMA PESSOA BRILHANTE!
TINHA UMA CAPACIDADE
DE SÍNTESE E ENTENDIMENTO
MAIOR QUE A NOSSA. ELA LIA,
INTERPRETAVA E DEVOLVIA
O QUE A GENTE LIA.



nossos dados, que estão indo pra todo lugar, sem que a gente saiba exatamente o que fazem com eles.

JACQUELINE O fotojornalismo, historicamente, foi e continua sendo uma profissão muito masculina. Você, no entanto, conseguiu se destacar em uma época muito difícil e chamando atenção para a condição da mulher. Você considera que a mulher traz um olhar ou uma percepção diferentes ao fotografar?

NB Acho que, antes do olhar, a vida da mulher é diferente. Eu fiz muita matéria com mulheres, documentei passeatas feministas desde que elas apareceram no Brasil. Vi muitos depoimentos: de adolescentes grávidas, de mães que percebiam que seus maridos estavam molestando as meninas, do irmão que percebe um vizinho... Mas ninguém faz nada, é a mulher que tem que resolver isso por conta dela! E um elemento masculino dentro de uma família acha que pode tudo. O homem já nasce com uma permissão que a mulher não tem. Eu não acho que os homens são piores ou melhores, acho que a sociedade é masculina e dá aos homens, desde o nascimento, uma carta de alforria que a mulher não tem. Então isso tudo vai formatando pessoas diferentes. Além das desigualdades sociais, temos a desigualdade de gênero para resolver.

ANDRÉ Quero falar de uma fotografia em especial, no meio de tantas: é a *Tesão no forró*. O que você sentiu fotografando aquela cena e como você vê essa fotografia hoje?

NB Tem várias teses sobre meu material e uma delas diz que *Tesão no forró* é importante porque, naquela época, era raro ter em primeiro plano uma mulher, negra e com tesão – porque

“

A GENTE DEVERIA MOSTRAR
AQUELAS FOTOS NAS ESCOLAS
(PASSEATAS PELO FIM DO ISOLAMENTO
SOCIAL) EXPLICANDO QUE PRA
ECONOMIA DESLANCHAR A ELITE
PRECISA DESESPERADAMENTE
DO SACRIFÍCIO DO POBRE.

ela tá absolutamente envolvida, tá bom pra ela e pra ele, né? (risos). Mas o que me motivou na pesquisa que resultou naquela foto é que eu estava surpresa e incomodada ao ouvir declarações preconceituosas sobre nordestinos. Elas vinham de pessoas próximas, que circulavam num ambiente de cultura. Na minha ingenuidade, eu achava que, pelo fato de serem pessoas intelectualizadas, isso não ocorreria. Daí eu falei: vou saber o que incomoda tanto a essa gente. E comecei a conversar com nordestinos que trabalhavam em São Paulo. Descobri que naquela época, sem internet, muitos iam buscar correspondência na Praça da Árvore, trazida por amigos que tinham viajado ao Nordeste (a praça fica no bairro Saúde, localizada junto a uma estação de metrô). Frequentei esse local e perguntei o que faziam para se divertir. Disseram “a gente vai no forró do Mário Zan” (que foi considerado um dos maiores sanfoneiros do país). Passei a ir e fiquei encantada. E ia não só pra fotografar, mas pra dançar, eu adoro dançar! Eu gostava tanto que não tive problema em fazer as fotos, eles ficavam à vontade, mesmo quando eu usava *flash*. Hoje essa é uma foto que gosto, respeito, foi minha primeira imagem comprada pelo MoMa (Museu de Arte Moderna, em Nova York). John Szarkowski, curador do MoMa, esteve no Brasil e pediu pra ver uma exposição diferente dessas de museu. Levaram ele no Forró do Mário Zan e eu tinha montado uma exposição lá. Ele comprou algumas fotos. O MoMa tem uma política de periodicamente reexibir as imagens e as pessoas até hoje me telefonam: “Acabei de ver uma foto sua!”. Tá lá há 50 anos (risos). Acho que fiz essa foto porque gosto de ver as pessoas felizes, tendo uma sensação gostosa,

de prazer. Hoje no Brasil isso é um problema, esses personagens do governo atual lidam tão mal com a alegria, com o sensual.

WELLINGTON Outra vertente do seu trabalho foi a cobertura de movimentos sociais e operários. Como você descobriu o que mais gosta de fotografar?

NB O caminho se faz ao caminhar. Mas tudo o que acontece ao ser humano me mobiliza. As tristezas, as alegrias. Pra mim é difícil fazer fotos sem pessoas. Hoje há toda uma discussão de direito de imagem e as pessoas também têm mais medo, antes eram mais receptivas. Pra mim o ser humano é espelho: tá acontecendo com ele, tá acontecendo comigo. Eu não sou fixada num assunto só, corro entre os assuntos. Também penso assim: não tô preocupada em fazer “a” foto. Sempre acho que vai acontecer, com calma, não gosto de atropelar, gosto que as coisas aconteçam. Nessa quarentena também voltei a estudar e pensei: “gente, eu não sei nada!” Começa a dar um pouco de desespero (risos).

SAMÁRIA Você fez fotos de greves dos metalúrgicos no ABC paulista entre o final dos anos 70 e início dos anos 80 (1978-1981). O que lhe marcou desse período?

NB Essas greves aconteceram depois de anos e anos de ditadura e um silêncio enorme. Nunca me considerei fotojornalista, porque o fotojornalismo é em cima do acontecimento e eu sempre trabalhei mais o antes e o depois. Na hora que explode, se eu estou, estou; se não estou, não choro. Mas tenho uma documentação grande sobre as greves do ABC e muita coisa me marcou. Eu vi o surgimento de Lula, vi os políticos mais

velhos indo até o ABC, querendo fazer a cabeça de Lula. Naquela época ele já demonstrava que sabia onde queria chegar. Vi o surgimento de uma pessoa que teve muita importância mais tarde: o Ricardo Kotscho, que foi meu colega na faculdade e cuidava da comunicação das greves. Quando hoje me falam “o que você espera que vá acontecer”, eu tenho uma crença absoluta de uma virada nesses tempos e acho que ela vai vir pelas mulheres, porque elas entendem rápido e transformam as coisas. Na primeira greve do ABC as mulheres ameaçavam os maridos dizendo “volta a trabalhar, vai faltar leite pras crianças”. Na segunda greve elas já ameaçavam: “se não entrar em greve, não entra em casa”. Quando saí da prisão, estava com uma responsabilidade enorme, precisando fazer alguma coisa. Então fomos fazer um jornal de bairro que ficava na divisa entre São Paulo e São Bernardo do Campo. Quando começaram as greves, todos os jornais – *Estadão*, *Folha* – diziam “Os operários estão há tantos dias em greve e não obtiveram aumento nem nada”. Ora, como se o período que você tivesse passando nas greves não deixasse nada. Então a gente cobria de um modo diferente, ouvindo grevistas, fazendo avaliações. Lula sempre estava lá, abraçando, sempre acreditando. A gente (jornalistas) ia pra porta das fábricas às 5 horas da manhã – era quando Lula e outros companheiros dele faziam as assembleias. A gente tomava café com ele, com Marisa, era uma coisa muito afetiva. O Lula ficava pedindo pros trabalhadores não entrarem na fábrica antes da assembleia terminar. Nós ficamos mais de 20 anos sem nos ver e nos reencontramos um pouco depois que ele saiu da prisão (refere-se à prisão decorrente do processo



TEM GENTE QUE VAI NA FAVELA UM DIA E JÁ QUER FAZER UMA EXPOSIÇÃO. VAI NUMA MANIFESTAÇÃO FEMINISTA UMA VEZ E JÁ QUER FAZER UM “TRABALHO SOBRE A MULHER”. NÃO DÁ, NÉ?

na Lava Jato) e pensei: tô de cabelo branco, mais velha, tenho que explicar pra ele quem sou... E quando ele bateu o olho em mim: “Naiiiiiir!”. Foi uma coisa deliciosa.

JACQUELINE A fotografia é um texto extremamente político, como mostram suas fotos do ABC e outros registros. As imagens contam muito sobre um tempo histórico. Que fotografias poderiam representar o Brasil de hoje?

NB Nessa quarentena houve uma produção enorme de fotos, mas tem algumas que eu não consigo me livrar. Uma é a foto da morte de George Floyd, com o policial branco sufocando até matar o homem negro. Aquilo é de uma violência que você se pergunta: em que mundo estamos? Outra é uma imagem mais suave na aparência, mas tão dura quanto no conteúdo. São fotos de quando a elite paulistana resolveu ir à rua, com seus carros chiquérrimos, implorando para os pobres voltarem a trabalhar. A gente deveria mostrar aquelas fotos nas escolas, explicando que pra economia deslanchar a elite precisa desesperadamente do sacrifício do

pobre. Entre as fotos das queimadas no Pantanal, eu destacaria a do Lalo de Almeida, com o corpo carbonizado de um macaco, que parece um homem tentando se erguer. Desse período há também fotos interessantes de Bolsonaro, Maia, sem máscara, mas me recuso a citar qualquer fotografia com a imagem desses caras, acho que eles não merecem. A gente tá nessa quarentena e sem perspectiva, a gente tá numa guerra, entendeu? Estamos num momento difícil, dá um desânimo, estou quase me motivando mais por texto que por fotos. Eu sinto muita falta de interlocução (faz pausa e dá um suspiro).

MAURÍCIO No seu percurso você agiu muitas vezes motivada pela necessidade de mostrar algo que considerou que precisava ser discutido. Em 1979 você lançou a Agência F/4 (primeira cooperativa de fotógrafos do Brasil, que fotografou grandes movimentos políticos e sociais dos anos 1970, como as greves do ABC). Para vocês, que necessidade havia, naquele período, de uma agência de fotojornalismo no Brasil?

NB Fazer nossas pautas com o nosso

olhar. A gente se baseou na Magnum (cooperativa de fotógrafos surgida na França, em 1947) e na Gamma (também surgida na França, em 1979). Essa necessidade sempre surge em momentos periclitantes. A Magnum surgiu logo após a Segunda Guerra Mundial e a Gamma ainda sob as influências do final dos anos 1960. Na F/4 a gente queria ter liberdade de pautar e não se preocupar “ah, não vão querer publicar”. Isso não importava, a gente ia fazer a foto que quisesse! Outra necessidade era ter a posse do original e começar a acostumar os clientes a pagar pela reutilização. Era um processo educativo, porque o Brasil tem sempre uma postura de colonizado. Quando as grandes agências estrangeiras vieram pra cá, foram saudadas com páginas na *Veja*, *Istoé*, jornais. Quando a F/4 surgiu, pau nela! Joga pedra na Geni—a gente era a Geni. Diziam que estávamos tirando emprego de fotógrafos ao cobrar pela reutilização de fotos. É tudo muito careta, atrasado.

SAMÁRIA Nesse momento, como você está lidando com o distanciamento social e o modelo remoto?

NB Fiz algumas *lives* pro Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro e outros espaços, mas depois comecei a refletir: as pessoas querem ocupar espaço de qualquer forma. Ocupar por ocupar é bobagem, é melhor ficar em casa dormindo ou vendo um filme. Antes de ocupar espaço para fora, é preciso que você ocupe o espaço para dentro de si: sobre o que você quer falar? Você tem condições de falar sobre isso? E também só me interessa se eu puder falar daquilo que tá me preocupando, tá movimentando a minha cabeça. Que a pessoa discorde ou concorde mas, de qualquer forma, eu lanço uma preocupação de

alguém que tem uma experiência de vida. Esse monte de *live*, eu não vi um centésimo. Às vezes eu começo e falo: “nossa, eu não aguento ir até o fim com isso!”. Nesse momento me interessa discutir esses políticos que estão no poder no Brasil, saber como vamos sair dessa. Eu vejo uma noticiuzinha de quatro centímetros no jornal e, se tem o nome do Bolsonaro, já cheira mal.

JACQUELINE O que você diria para os jovens que desejam trabalhar com a fotografia hoje?

NB Seja na fotografia, no fotojornalismo, no texto, na sua relação amorosa, com sua família, sem criatividade você tá lascado. E tem que se esforçar. Na minha experiência, nada me caiu de mão beijada. Aquela pessoa do MoMa que comprou minha foto fez isso porque, antes, eu fui várias vezes ao forró, fiz uma exposição lá dentro. Acho que a gente deve confiar que, com um trabalho bom, uma hora você ganha com ele. O problema é que tem gente que vai na favela um dia e já quer fazer uma exposição. Vai numa manifestação feminista uma vez e já quer fazer um “trabalho sobre a mulher”. Não dá, né? Pode até aparecer os gênios que consigam, mas acho que tudo depende de trabalho, obstinação, de você acreditar no que faz e acreditar que aquilo é importante.

ANDRÉ Supondo que a pandemia de Covid-19 acabe amanhã, que foto você teria vontade de fazer?

NB A foto eu não sei, mas eu vou querer beijar e abraçar todo mundo, de cara! Quero sair pela rua dançando, dar aquele abraço apertado, sentir que “tamo junto”, entendeu? É isso que eu quero. Agora, “pra amanhã” você está sendo muito otimista, né? (risos). 📍







ENSAIO
POR NAIR BENEDICTO

80 ANOS E CONTANDO A HISTÓRIA EM IMAGENS

As imagens de Nair Benedicto se fixaram no nosso imaginário desde o momento em que se inicia alguma pesquisa na fotografia brasileira. Com tanta história, foi necessário extrapolar as páginas da entrevista para o ensaio fotográfico da edição.

Aqui, trazemos uma mostra da produção dessa grande mulher. Pensamos em um recorte que nos desse a forma de ensaio, um pouco mais fechado. Mas nesse formato não coube o trabalho de Nair, que sempre transborda.

Partimos então para oito páginas que passeiam um pouco por temas caros a Nair, históricos e contundentes no país. Aos 80 anos, Nair Benedicto segue com muita lucidez sobre o Brasil, e com uma prática contínua muito bem alinhada ao seu discurso.

Metalúrgicos em assembléia na Igreja Matriz
de São Bernardo do Campo - SP, 1980



Metalúrgicos em assembléia
na Ford - ABC - SP, 1985



Meninas brincando com véus
Laranjeiras - Sergipe, 1998 - Série Noivas



Noiva na Banda de Ipanema
Rio de Janeiro, 1986 - Série Noivas



Louvação a Iemanjá
Praia Grande - SP, 1978 - Série Noivas



Pagadora de Promessas
Aparecida do Norte - SP, 1980 - Série Noivas



Givânia Maria da Silva - Conceição das Crioulas - Pernambuco, 2005
Projeto Mulheres pela Paz ao Redor do Mundo, com a indicação coletiva de 1000 Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz de 2005.



Elizabeth Teixeira - João Pessoa - Paraíba, 2005

Projeto Mulheres pela Paz ao Redor do Mundo, com a indicação coletiva de 1000 Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz de 2005.



Raimunda em São Miguel - Tocantins, 2005

Projeto Mulheres pela Paz ao Redor do Mundo, com a indicação coletiva de 1000 Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz de 2005.



Maria Vanete Almeida - Pernambuco, 2005

Projeto Mulheres pela Paz ao Redor do Mundo, com a indicação coletiva de 1000 Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz de 2005.



Procópio dos Santos Rosa, líder quilombola no quilombo Kalunga do Riachão - Monte Alegre - GO, 2005

Projeto Mulheres pela Paz ao Redor do Mundo, com a indicação coletiva de 1000 Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz de 2005.



Conheça o

PIAUI

Praia de Barra Grande

O Estado que mais cresce no Nordeste é também o melhor destino para suas férias.

O quinto estado brasileiro com mais áreas naturais preservadas do Brasil é também o estado que tem o PIB acima da média do Nordeste e do Brasil*.

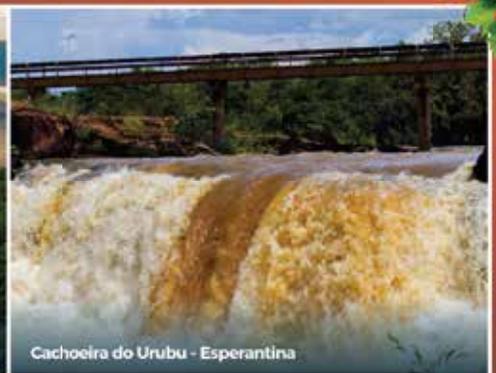
No Piauí, o potencial econômico estimulado pelo Governo do Estado, por meio da agropecuária, indústria e serviços, traz resultados cada vez mais relevantes.

O Estado se consolida também como um dos melhores destinos turísticos do país e reúne atrativos naturais extremamente desejados por turistas: ao norte, o único Delta em Mar Aberto das Américas (o Delta do Parnaíba) com praias paradisíacas; na região central, as mais belas cachoeiras; e, um oásis na região semiárida no sudeste do Estado - o Parque Nacional da Serra da Capivara, internacionalmente conhecido.

*fonte: SEPLAN-PI / IBGE



Delta do Parnaíba



Cachoeira do Urubu - Esperantina



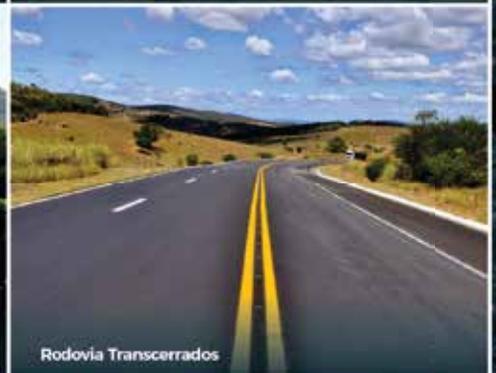
Pedra Furada - São Raimundo Nonato



Complexo Eólico Lagoa do Barro



Cânion do Rio Poti - Castelo do Piauí



Rodovia Transcarrados

Piauí. Conheça. Invista. Visite.



PROPIAUI
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E SOCIAL

PIAUI
GOVERNO DO
DESENVOLVIMENTO


Piauí
GOVERNO DO ESTADO

[/governodopiaui](http://governodopiaui)  turismo.pi.gov.br  [@governodopi](https://www.instagram.com/governodopi)  [/governodopiaui](https://www.facebook.com/governodopiaui)  [/governodopiaui](https://www.facebook.com/governodopiaui) 



DESVELAR SILÊNCIOS HISTÓRICOS E FAMILIARES

De que são feitos os álbuns de família? De momentos felizes, claro. Não queremos guardar as dores, as ausências, as brigas. A fotografia de família pertence a um universo singular, pois está menos preocupada, em geral, com questões ligadas às evoluções da linguagem fotográfica do que com o registro de acontecimentos importantes para a vida familiar. O que aconteceu pode estar ali, registrado. Quando se organizam fotografias em um álbum, o objetivo é conservar algo caro àquele grupo, o que foi vivido e o que já foi visto. No entanto, cada vez que um álbum é aberto, exposto e discutido, os aniversários, os jantares de Natal, as viagens, os batizados, os almoços de domingo acontecem de novo e, a partir das nossas experiências, as memórias são atualizadas e nossas lembranças podem surgir.

Como nos diz o filósofo francês Georges Didi-Huberman, se há desejo, há memória. Manusear ou tornar público um álbum de fotos familiares é a materialização de um desejo, de ver, por exemplo, que nossos mortos estão vivos novamente, encarando a câmera e o fotógrafo. Para Anne-Marie Garat, autora do livro *Photos de familles: Un roman de l'album*

(1994), a fotografia, não apenas a de família, é muito mais que um trampolim para a imaginação. É o arranjo dos vários elementos da imagem – sombra e luz, desfoque, nitidez, profundidade de campo, perspectiva, ponto de vista – que desperta a memória sensorial. As pessoas das fotos se tornam personagens de uma narrativa que também é oral e polifônica, pois há vários narradores: cada um conta, comenta e interpreta as imagens a seu modo. Os álbuns de família são, então, esse conjunto de fotografias que contam uma história, mas ocultam outras.

E o que acontece quando as fotografias de família e seus silêncios são tiradas do âmbito privado para serem confrontadas com a memória social em documentários sobre períodos históricos que ainda nos doem, como as ditaduras civis-militares na América Latina? A cineasta paraguaia Paz Encina, em seu segundo longa, “Ejercicios de memoria” (2016), recorre, entre outros elementos narrativos, aos álbuns de família para contar a história de Agustín Gomburú (1930-1977), um médico opositor da ditadura de Alfredo Stroessner, sequestrado quando estava exilado no interior da Argentina,

durante a Operação Condor, cujo corpo nunca apareceu.

No início do filme, a câmera, em primeira pessoa, nos leva do quintal para dentro da casa, onde a mesa de café da manhã ainda está posta. A luz suave da manhã banha a mesa e a sala, trazendo uma sensação de aconchego, embora não haja pessoas em cena. O som é familiar para quem tem relação com o campo: mosquitos, animais “de roça”, cachorros latindo. A voz em *off* de uma mulher chama por alguém (som típico da mãe que “grita” os filhos que estão brincando fora de casa). Ainda no tempo de existir, pontuado pelos sons de um relógio e da vida que pulsa – o quintal, a mãe, o vento, os animais –, caminhamos pela casa, examinando seus detalhes e sua intimidade.

Paz Encina conduz a filmagem como se estivesse “tateando” o ambiente em busca de lembranças, resgatando o passado para o tempo presente, com um olhar curioso. A casa está vazia, mas a vida está presente nos detalhes da mesa posta, nos sons do quintal. No entanto, não sabemos se se trata também de fantasmas do passado e nada é feito para tirar o espectador da incerteza dessa percepção. Acordamos do “sonho”, ainda à mesa e ainda ouvindo o som do tempo, com a narração em *off* de uma mulher: “Uma mulher no trem, fugindo com crianças. Uma ditadura, 35 anos. O controle e o exílio. Estas foram as primeiras imagens que me entregaram”.

Saímos da mesa de café da manhã e aparecem as primeiras fotografias de família, presas no espelho que reflete a máquina de costura. A câmera mostra a capa de um álbum, com algumas fotos em preto e branco aparecendo,

mas sem que possamos distinguir o que está nas imagens, com a narração em *off*: “Me falaram das risadas, dos abraços, da família”. Justamente o que esperamos que um álbum de fotografias de família guarde, os bons momentos; assim como também é o lugar seguro em que a identidade do grupo familiar está protegida. As fotografias de família cumprem aqui, com a casa, o papel de guardião do que é sólido, do que resiste, quando fugir faz parte da rotina. Agora, não é mais a voz em *off* que narra o que ouviu/recebeu da família Goiburú, mas, sim, a reprodução de um discurso possivelmente veiculado em uma rádio. Enquanto vemos a foto na parede de uma mulher com uma criança, a voz que vem do aparelho diz: “Aqui, se perdeu até mesmo o direito de respirar”.

Ao trazer elementos subjetivos para a história, atualizando as memórias individuais, na medida em que o passado passa a ser não apenas lembrado, mas analisado a partir da memória coletiva, e dando nome, rosto, dor, medo, angústia, afeto aos fatos históricos, o filme se converte em lugar de memória histórica e também em documento. Com as fotografias de família, o passado tangencia o presente continuamente. Acredito que, ao mergulhar em uma foto do passado, estamos suspensos em vários tempos: no “aconteceu”, no “poderia ter acontecido”, no “vai acontecer”. Esse cristal do tempo cria um fluxo entre as memórias individuais e coletivas em que uma compõe a outra, emprestando elementos para que as lembranças pessoais sejam atualizadas e compreendidas, e para que a história seja revisada do ponto de vista de quem reivindica o direito à memória, à verdade e à justiça. ❹



UM ENCONTRO SEM GRANDES CONSEQUÊNCIAS

Estamos em alguma sala do Congresso Nacional, em Brasília. O ano é 1978. O dia, 16 de fevereiro, uma quinta-feira. O presidente do Senado, Petrônio Portella, recebe o líder metalúrgico Luís Inácio da Silva, o Lula. Vemos a ambos de perfil: o senador arenista do Piauí e o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema estão frente a frente. Petrônio faz um gesto largo, com o braço estendido para trás e a mão direita aberta, como quem diz “entre, fique à vontade”. A postura corporal de Lula, no entanto, não é a de alguém que esteja à vontade: seus olhos miram para baixo e o paletó de brim cinza que segura com a mão esquerda mantida à altura do peito como um cabide parece servir como anteparo de defesa visando manter o interlocutor a uma certa distância. Petrônio veste um terno azul-marinho descrito com o adjetivo “irrepreensível” por um repórter da revista *IstoÉ* que presenciou o encontro. Lula, por sua vez, veste

uma camisa listrada de mangas compridas. Atrás de Lula, semicoberto por sua sombra, há um homem de terno. Trata-se de Maurício Soares de Almeida, advogado do Sindicato, a quem Lula havia trazido consigo por motivos de “não quero ter depois a minha palavra contra a dele [Petrônio]. Prefiro conversar a três”. Atrás de Maurício, ao fundo, um homem alto, de barba e óculos escuros, cuja identidade desconhecemos (algum repórter, talvez? Um funcionário de gabinete?). A composição do cenário é dada pelas mesas de escritório que estão em segundo plano cobertas por papéis, pastas, aparelhos telefônicos e fios.

A imagem é do fotógrafo Luís Humberto e foi publicada pela primeira vez em matéria da revista *Veja* em sua edição de 22 de fevereiro de 1978. A mesma fotografia seria reutilizada por *Veja* na edição de 16 de janeiro de 1980 em matéria retrospectiva sobre a carreira de Petrônio Portella, por ocasião de sua morte no dia 6 daquele mês e ano.

Logo após essa breve recepção presenciada por repórteres de vários veículos de imprensa, Lula, Petrônio e Maurício seguiram para uma reunião a portas fechadas que durou 95 minutos. O encontro se dava no contexto de uma série de reuniões que Petrônio vinha tendo com representantes da sociedade civil desde setembro de 1977 com o intuito de retomar o rumo de “distensão” do regime, pretendido pelo governo do general Ernesto Geisel. Desde então, Petrônio já havia recebido, para citar apenas alguns nomes, Dom Aluísio Lorscheider, presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Raimundo Faoro, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e Domício Veloso, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Dois dias antes do encontro com Lula, Petrônio recebera uma comitiva formada por 26 sindicalistas paulistas liderados pelo arenista Jorge Maluly Netto, secretário do trabalho do Estado de São Paulo. Que Lula tenha sido recebido



sozinho era, portanto, um sinal de prestígio.

Lula e Petrônio estavam em momentos muito distintos de suas trajetórias. Petrônio tinha 53 anos e era um político experiente no auge de sua carreira. Representante de um dos Estados mais pobres da federação e opositor do golpe de 1964 num primeiro momento, chegara sete anos depois da instauração do regime à presidência do Senado, tendo sido também líder da bancada do governo e presidente do partido oficialista (ARENA). Lula, por sua vez, tinha então 33 anos e, embora já chamasse a atenção por algumas iniciativas inovadoras levadas a cabo pelo sindicato que dirigia (mobilização efetiva das bases, denúncia da política de arrocho salarial e propostas de revisão radical do modelo burocrático de representação), ainda não

desabrochava como o orador capaz de fascinar multidões e negociador habilidoso que teria seu “batismo de fogo” no ciclo de grandes greves que estourariam no ABC paulista a partir de maio daquele ano de 1978.

Durante o encontro com Petrônio, Lula restringiu sua fala ao *script* dos três pontos de um documento previamente elaborado e distribuído naquela ocasião à imprensa: 1: autonomia e liberdade sindical (o programa de abertura política ficaria incompleto se não acabasse com os mecanismos de controle dos sindicatos pelo governo); 2: contratos coletivos de trabalho (necessidade de livre negociação entre empregados e patrões, sem o decreto unilateral pelo governo dos índices de reajuste salarial); e 3: fundo de garantia (reclamação quanto ao aumento da rotatividade de mão de obra e ao

mau uso dos recursos do fundo em investimentos que não atendiam às prioridades da classe trabalhadora).

Ambos saíram contentes do encontro. Em conversa com repórteres, Petrônio destacou aquela como mais uma demonstração de que o governo estaria aberto ao diálogo com todos os setores. Enquanto Lula se deu por satisfeito com o compromisso assumido por Petrônio de levar adiante suas reivindicações ao conhecimento do presidente Geisel.

A reunião entre Petrônio e Lula não produziu nenhuma repercussão importante que alterasse significativamente os rumos da abertura política. O que ficou dessa tarde de fevereiro 1978 em Brasília foi apenas esse registro do encontro insólito entre dois grandes vultos da história política recente. ☉

No final da década de 1980, estava namorando uma moça que cantava no Coral N. S. do Amparo, em Teresina. Uma noite, fui buscá-la no ensaio. Como chegara cedo, fiquei esperando. O grupo se reunia numa casa da Rua Coelho Rodrigues, onde funcionou, por anos, um órgão de cultura. Mas logo saiu de lá. A casa hoje é sede de uma imobiliária.

Como era noite, a rua estava silenciosa, não havia funcionários e o coral reinava sozinho. Sentei numa cadeira e fiquei ouvindo. Vindas da sala contígua, as vozes chegavam nítidas até mim, pois a porta estava aberta. Foi algo totalmente imprevisível: as ondas sonoras vinham e era como se me abraçassem, indo e voltando, num fluxo, interrompido aqui acolá pelas correções e ajustes que o regente fazia.

As intervenções pontuais do maestro não pareciam desarmônicas, mas parte do todo. Posso dizer: foi um alubrimento. Depois daquele dia, não faltei mais aos ensaios e passei a fazer parte do grupo de cantores e cantoras.

ALEGORIA AZUL

O regente era Reginaldo Carvalho. Os ensaios, verdadeiras aulas. Ele tinha bagagem cultural e vivia intensamente a música. O repertório em si mesmo dava um panorama da música ocidental, pois era constituído de peças da Renascença à época contemporânea, abrangendo largo período histórico. Além disso, sabia histórias sobre composições, compositores, celebridades, parte dos quais havia conhecido ou tido convivência.

Lembro muito bem dele, pressionando os pedais do harmônio, correndo as mãos no teclado um tanto quanto amarelecido pelo tempo. Não faltavam arranjos feitos por ele mesmo, de composições suas ou de outros. Às vezes, fazia um arranjo à tarde e trazia quentinho para o ensaio à noite. Havia uma canção que me cativou, porque eu amava o autor de Irene no Céu, poema de Manuel Bandeira, que Reginaldo musicou com um belíssimo coro *a capella*, sua predileção como criador.

Naira Villar, sua filha, me falou há poucos dias que Reginaldo tinha amizade com Manuel Bandeira, com quem se encontrava frequentemente para conversar, numa banca de jornais. Posso imaginar os dois em um dos períodos culturalmente mais fecundos no Rio de Janeiro dos anos 1950 a 1964.

O discipulado direto de Heitor Villa-Lobos, de quem foi aluno e amigo no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, transformado, após a morte do mestre, em Instituto Villa-Lobos, do qual foi primeiro diretor; a produção de música para cinema, teatro e televisão; a participação n'O Tablado, onde fez as trilhas sonoras de muitas peças de Maria Clara Machado, são apenas a ponta do iceberg da intensa participação de

Reginaldo Carvalho na vida cultural do Rio de Janeiro.

Quando ele chegou para trabalhar em Teresina, no início da década de 1970, não exibia seu currículo na testa, não propalava os feitos que o fizeram receber convites para cinco países. Preferiu fixar-se no Piauí por mais de 30 anos.

Quando cheguei, por sincronia do destino, ao Coral N. S. do Amparo, nada sabia sobre sua biografia. E ali demorei pouco, pois eu também precisava trabalhar e fui para Floriano e, logo depois, Oeiras, cidade na qual formei com amigos um grupo de teatro.

Naquela época, eu havia me casado com Cidinha, a moça que ia buscar nos ensaios, com quem estou até hoje. Sendo ela de Campina Grande, era natural que me levasse a conhecer a cidade, onde participamos do Festival de Inverno de um ano que não sei precisar, mas era final da década de 1980. Assistimos a praticamente todas as peças e aos debates que se lhe seguiam. E participamos das oficinas, entre as quais a ministrada por Luiz Carlos Vasconcelos, que na época estudava ou havia chegado da Europa e era muito interessado na preparação científica do ator.

Ao voltarmos para Oeiras, tínhamos novidades para mostrar ao pessoal do grupo, dentre elas, um dos volumes da coleção de teatro da Livraria Agir, dedicada a Maria Clara Machado. Para minha surpresa, quem assinava as músicas das peças era Reginaldo Carvalho. De longe, o melhor texto para mim era *O Cavalinho Azul*. Eu alimentava o sonho de montar com o grupo, mas isso não ocorreu. A título de consolo, informo aos senhores e senhoras que *O Cavalinho Azul*, dirigida por Murilo Eckart, foi encenada em Teresina, na década de 1970. Eu não estava lá, mas Naira Villar me disse, confirmada pelo poeta e pesquisador Paulo Machado.

Os anos passaram, e eu me lembrei de ter prometido a Naira Villar entregar-lhe o livro com as partituras, porque ela havia me falado que estava tentando organizar as produções de

seu pai. Mas não será necessário: ela adquiriu o mesmo volume num sebo.

Quem está há 20 anos fazendo trabalho de pesquisa sobre a vasta obra de Reginaldo Carvalho é o professor Vladimir Silva, da Universidade Federal de Campina Grande. É possível ter acesso a uma parte do acervo, através do *Youtube*. Foi onde vi – e me emocionei – a montagem recente de *O Cavalinho Azul*, pelo Tablado, e o disco vinil com as composições que Reginaldo fez para a peça.

Penso que *O Cavalinho Azul* é uma alegoria da jornada do herói. Vicente sai pelo mundo em busca do animal vendido pelo pai. Os adultos o chamavam pangaré, mas o menino o via, imponente, de rabo branco, com beleza e lirismo, necessários no mundo cinza de hoje. 📍

HOMENAGEM DA EDIÇÃO

GUERREIRÍSSIMA Trindade

Francisca das Chagas da Trindade nasceu em 26 de março de 1966, em Teresina. Foi professora nos ensinos médio e fundamental, após se formar em Teologia na Universidade Federal do Piauí, onde também cursou Filosofia, curso que não chegou a concluir.

Trindade exerceu intenso ativismo social, representando o Piauí na Central Nacional de Movimentos Populares, além de uma das mais ativas organizadoras da Articulação Nacional do Solo Urbano. Como militante política, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores, disputando em 1992 o cargo de vereadora em Teresina. Não obteve votos suficientes para ser eleita, mas ficou na suplência. Em 1995 assumiu o mandato após a saída do então vereador Wellington Dias, mas, em nova tentativa nas eleições do ano seguinte, chegou à Câmara Municipal como vereadora eleita.

Começa então uma das mais promissoras carreiras da política regional. Já em 1998, em rápida ascen-

são, é eleita deputada estadual, sendo a candidatura mais votada na capital e na quinta colocação no estado. Com sua postura aguerrida, presidiu a Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa. Em 2002 obteve mais de 165 mil votos e tornou-se, até então, a parlamentar com a maior votação na história do estado ao conquistar uma vaga na Câmara Federal.

A guerreira Trindade, como era chamada por sua incisiva atuação nos movimentos sociais nas mais diversas áreas, como a favor dos sem-teto, pelas mulheres e contra o racismo, foi uma das fundadoras de um dos maiores assentamentos urbanos da América Latina, a Vila Irmã Dulce, na capital piauiense.

Considerada favorita nas eleições para a prefeitura de Teresina em 2004, não teve tempo de realizar mais essa conquista e o sonho de alterar os rumos da história: faleceu prematuramente aos 36 anos, deixando sua marca na política e no sentimento popular do Piauí.





...tado e seguindo a canção

...a que esperar não é saber

...hora não espera acontecer

...lome em grandes construções

...ando

...lo

...lo

...tos.

...os

...en

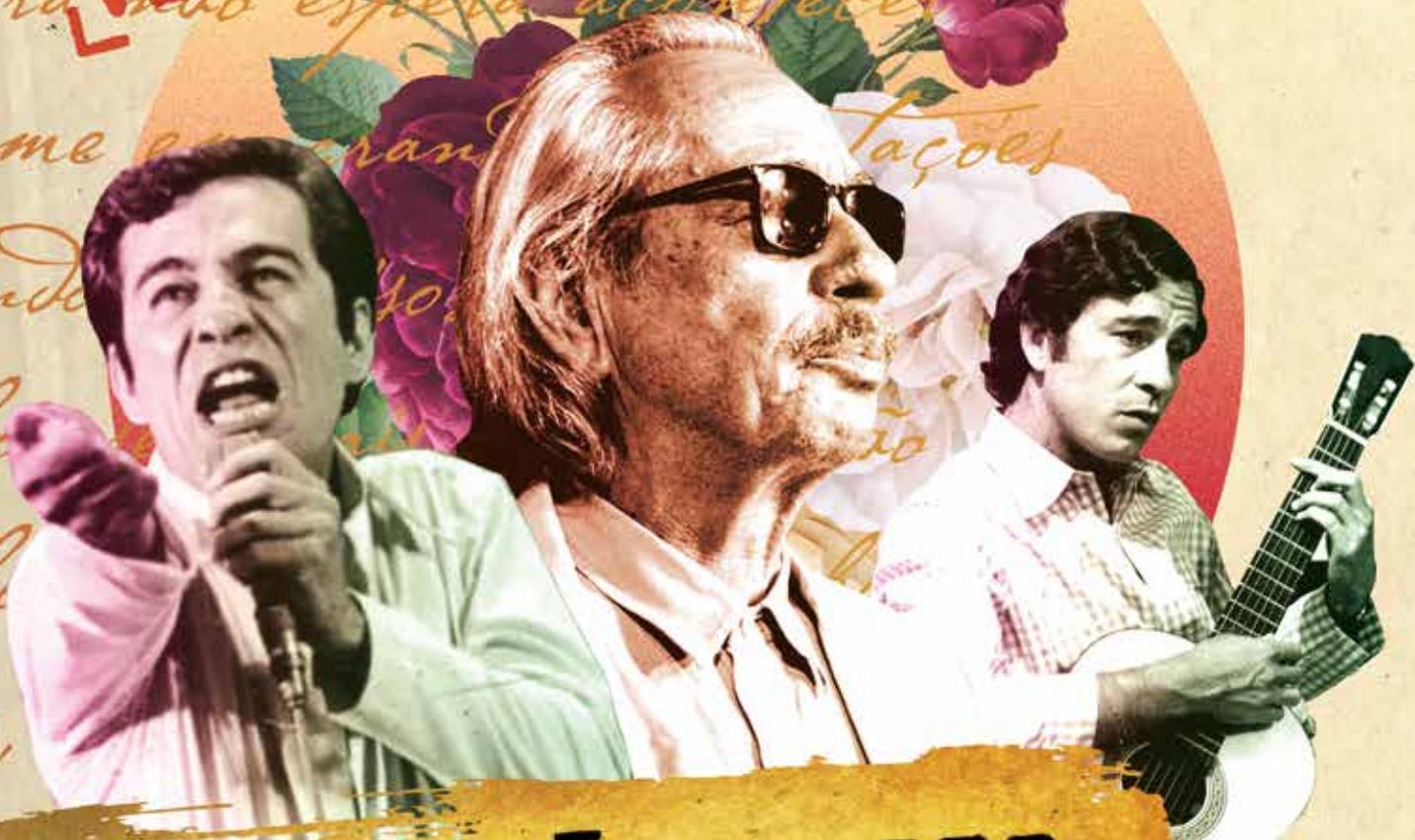
...a/ra

...a que espe

...hora não espera acontecer

...uas, campos, construções

[VEIADO]



**PRA NÃO DIZER
QUE NÃO FALAMOS
DE VANDRÉ**

Proibida de tocar no Brasil, a canção que não ganhou o festival de 1968 segue na memória nacional por mais de meio século.

POR LUANA SENA,

DIREÇÃO DE ARTE ALCIDES JR

Rio de Janeiro, Maracanãzinho, 29 de setembro de 1968. Mais de 20 mil pessoas lotavam o estádio para assistir a final nacional da terceira edição do FIC - o Festival Internacional da Canção. O júri acabara de anunciar o segundo colocado - o parai-bano Geraldo Vandré, - e coube a ele mesmo a função de acalmar a plateia que vaiava e gritava enfurecida. “Gente, gente, por favor...”, pedia o cantor, inutilmente, no microfone. “É marmelada, é marmelada!”, respondia a multidão em coro. “Olha, tem uma coisa só: a vida não se resume em festivais”. As vaias só diminuíram quando finalmente o cantor pegou o violão e entoou os dois únicos acordes da canção que defendera: “Laiá-ra-ia-lá...”.

Os presentes nem sabiam mas assistiam, ali, a uma das poucas apresentações, em público, daquela que entraria para a história como o maior hino dos protestos contra a ditadura militar no Brasil. “Pra não dizer que não falei das flores”, ou “Caminhando”, como ficou conhecida, foi a canção corajosamente defendida por Vandré no festival, no cerne de uma radicalização. Poucos meses antes, o estudante Edson Luís havia sido morto durante uma manifestação do Rio de Janeiro, a cidade vivia o impacto da Passeata dos 100 Mil e o cerco da censura se fechava cada vez mais para aqueles que se apresentavam contra o regime. É nesse contexto que o refrão-convite (“Vem, vamos embora / que esperar não é saber / quem sabe faz a hora / não espera acontecer”) parecia mesmo um chamado à revolução.

É claro que a repercussão foi imediata - não precisa ser muito gênio para entender a mensagem clara e direta do autor contra qualquer tipo de autoritarismo. Mas, num contexto em que as Forças Armadas controlavam os poderes da república no Brasil, não parecia muito conveniente apresentar ao vivo, em um festival transmitido pela televisão, uma crítica contundente ao exército brasileiro em forma de música popular - muito embora

o compositor negue até hoje essa intenção. “Como ele mesmo falou, em 1968, em entrevista: *Caminhando* não é uma canção de guerra”, diz Vitor Nuzzi, jornalista e biógrafo do cantor. “O verso sobre os soldados não se refere apenas a militares, mas, segundo ele, ‘é um modo de se exprimir para explicar todo tipo de profissão que restringe as pessoas a um certo modo de vida’”.

O biógrafo - que lançou “Geraldo Vandré - Uma canção interrompida” em 2015, mesmo a contragosto do cantor, considera que a canção foi tida erroneamente como um hino contra os militares. “Acho que Vandré captou o que as pessoas queriam dizer naquele momento”, diz por e-mail à Revestres. “Um chamado à contestação, à não aceitação, que de certa forma manteve a atualidade, apesar de às vezes a música ser usada de forma indevida, inclusive por conservadores”.

Mais tarde, para a imprensa, Vandré definiria sua canção como uma “crônica da realidade”. Mas muita água já tinha rolado pelos “campos e grandes plantações” para que ele assim analisasse sua própria composição em retrocesso. Vandré deu muitos depoimentos a jornalistas e pesquisadores em 2008 para falar dos 40 anos da canção e, na maioria deles, definia *Caminhando* como um “desnudamento”: “Um dizer-se tudo quando era proibido dizer-se quase tudo”.

E dizer quase tudo teve um preço. Na semana em que aconteceu o festival, Vandré era o brasileiro que mais fazia sucesso nas festas com as delegações estrangeiras formadas por artistas e representantes que vieram para a final brasileira - era mais aplaudido e aclamado que a dupla Tom Jobim e Chico Buarque, autores da música “Sabiá”, vencedora do III FIC. Iniciou contratos, negociou gravações de suas músicas na Europa enquanto, nos bastidores, corria o boato de que seria preso, acusado de promover agitações.

Para entender o impacto atemporal de “Pra não dizer que não falei das flores”, basta dizer que você, leitor, provavelmente vai ter que recorrer ao Google para lembrar os versos da música *Sabiá*, a campeã por três votos a mais (há controvérsia quanto a isso, siga lendo para entender) enquanto certamente completa mentalmente a frase “Caminhando e cantando e seguindo a canção...”. Algumas músicas têm o poder de resumir um momento histórico. Junto a mitos e lendas sobre seu compositor, a falta de consenso sobre fatos da época dá um quê de mistério à canção de protesto brasileira mais aclamada de que se tem notícia até hoje. As razões para isso é o que tentamos desvendar nas linhas que se seguem.

*Em, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer*

**CATARSE
DESMOBILIZADORA
OU CONVITE
A SUBVERSÃO?**

As vaias a Chico e Tom, militares, TV Globo e previsões furadas.

O compacto com a música apresentada naquela noite no FIC vendia como pão quando a polícia do estado da Guanabara (atual Rio de Janeiro) resolveu apreender os discos que ainda restavam nas lojas. Após o decreto do AI-5 - o ato institucional mais rigoroso do período, que censurava imprensa, artistas e manifestações populares - Geraldo Vandré passou a ser procurado pelos setores mais radicais da repressão militar - eles consideravam a música um desafio à ordem pública além, é claro, de interpretá-la como uma ofensa àqueles que prestavam serviço militar. Mas a raiva dos generais, ao que se sabe, era anterior a tudo isso.

Antes mesmo de ser apresentada no Rio, “Pra não

dizer que não falei das flores” tinha sido defendida meses antes na final paulista, quando Vandré se apresentou no TUCA - Teatro da Universidade Católica de São Paulo - dispensando acompanhamento da orquestra. Somente com voz e violão e seu canto agressivo, o compositor e intérprete foi delirantemente aplaudido - e a recepção efusiva se repetiria também na final carioca.

Há uma versão da história que diz que a organização do festival teria sido aconselhada a “dar um jeitinho” para impedir a vitória da canção, considerada pelos militares “altamente subversiva”. A fofoca surgiu de Telé Cardim, torcedora-símbolo dos festivais, e está explicada em detalhes no livro “A era dos festivais: uma parábola”, escrito por Zuza Homem de Mello. Enquanto esperava por um ingresso no escritório da produção do evento em São Paulo, ela ouviu uma conversa telefônica: “Os militares não querem que a música de Vandré ganhe o festival. Temos que falar com a organização porque, se ele ganhar, vão tomar uma atitude de sérias consequências”.

O diretor da TV Globo que estava à frente da transmissão do festival, Walter Clarck, nega que houve interferência da censura no resultado do festival: os



O público nem sabia o [redacted] mas assistia ali a uma das poucas [redacted] apresentações, [redacted] em público, daquela que entraria para a história [redacted] como o maior hino dos [redacted] protestos contra a [redacted] ditadura militar no Brasil.



votos do júri, contabilizados manualmente, teriam dado a vitória a *Sabiá*, com 109 pontos - *Caminhando* ficou com 106. Não nega, no entanto, o alívio que sentiu. Esta versão da história foi recentemente confirmada pelo jornalista Tárík de Souza em entrevista ao programa *Conversa com Bial*. “É importante dizer que as pessoas não vaiaram porque era Chico e Tom Jobim”, disse. “As pessoas vaiaram porque queriam *Caminhando* campeão”.

Sendo a hipótese da interferência militar no resultado do festival confirmada ou não, não há como negar que esta história explica o delírio coletivo da plateia aos gritos de “marmelada” e muitas vaias. O clima era de injustiça, protesto e tensão. O secretário de segurança da Guanabara à época, general Luís de França Oliveira, considerou a canção “atentatória à soberania do país, um achincalhe às Forças Armadas, que não deveria nem mesmo ser inscrita”. A declaração advertia, por tabela, os organizadores dos festivais que, a seu ver, “não deveriam aceitar composições dessa natureza,

que são exemplos de declarada subversão”. Os assessores do ministério, no entanto, desmentiam que a canção tivesse sido proibida.

A Marinha, por sua vez, decidiu responder a Vandré duas semanas depois da apresentação, com uma manifestação de protesto. Em 23 de outubro daquele ano, cedendo às pressões, a música de Vandré foi proibida pelo governo de ser executada em rádios e locais públicos em todo o território nacional - o que os censores não davam conta era de impedir que ela fosse cantada nas festinhas e reuniões particulares.

É curioso pensar que mesmo sob tanta aclamação, *Caminhando* não chegou a ser uma unanimidade - nem para aqueles que se consideravam de esquerda, nem tampouco na direita. Valnice Nogueira Galvão, ensaísta renomada e Luiz Carlos Maciel, jornalista e um dos fundadores do Pasquim, chegaram a escrever contra Vandré. “Eles diziam que a música era uma catarse desmobilizadora - ou seja, o camarada cantava a música e não queria saber mais da revolução”, disse Tárík na entrevista a Bial. “E, ao mesmo tempo, o coronel Otávio

Costa publicou no *Jornal do Brasil* um artigo elogiando a música e pedindo a prisão de Vandré”.

Quem também usou o jornal para se manifestar foi o general Aspirante Bastos - logo no dia seguinte à execução da música no FIC ele enviou uma “Carta a Geraldo Vandré”, publicada no *Última Hora*, na qual questionava o compositor: “O que entende você de pátria, para dizer que nos quartéis se vive sem razão? Que mais você fez nesta vida sem ser em troca de lucro?”, e completava: “Será uma vida sem razão a dos homens que neste momento, como eu, em terras longínquas ensinam a cor da bandeira brasileira?”.

O tom ia se exaltando numa mistura de ofensa e revolta: “Cante o que quiser, mas não coloque nada de pátria no meio”, dizia o general. “Você não sabe o que é isso. A sua pátria deve ser um copo de cerveja”. Por fim, o general fez aquela que já pode ser considerada a previsão mais furada de toda a história da música brasileira: “Você passará, Vandré. O povo esquece depressa. Sua música causou sensação, mas logo será esquecida”.

*Pelos campos há fome
Em grandes plantações*

Há soldados armados
Amistosos ou não
O QUE FOI
QUE FIZERAM
COM ELE?
De armas na mão

O percurso de Vandré no exílio e a tentativa Revestrés de entrevistá-lo.

Em 1974, Benito di Paula avistou Geraldo Vandré “dizendo um poema para um poste”. Ele estava com 38 anos, mais gordo e grisalho, vagando sozinho pelas ruas de São Paulo. Tinha poucos amigos, recusava-se a fazer shows ou dar entrevistas: “Nada do que eu possa dizer, fazer ou pensar dá no mesmo ser publicado ou não, porque não tem nenhum valor”, dizia quando tinha oportunidade. Afirmava também não ver televisão, nem ouvir rádio ou ler jornal. Parecia um homem exilado de si mesmo e confirmava a impressão que reverberou - e ainda reverbera - por anos sobre o cantor: Vandré nunca mais foi o mesmo.

O aspecto impressionou tanto o compositor que Benito di Paula escreveu a canção *Tributo a um rei esquecido*, naquele mesmo ano. É uma espécie de homenagem a Vandré: “Eu quis gritar seu nome / não pude”, reclama na canção, em referência ao fato de a simples pronúncia do nome de Geraldo Vandré ser objeto de censura na época. “E eu continuo querendo saber: cadê ele? Já deram anistia pra ele? O que foi que fizeram com ele?”. Para driblar a censura, Benito chama o compositor de rei, em alusão à letra de *Disparada*, também de Vandré: “Na boiada já fui boi / boiadeiro já fui rei...”.

Vandré foi simplesmente banido e apagado do Brasil. Por ter sido proibida por quase 20 anos, *Caminhando* teve uma trajetória em disco relativamente restrita se comparada à importância que adquiriu como um verdadeiro hino da oposição à ditadura militar. Além da versão ao vivo, gravada naquela noite no Maracanzinho, só há outra versão em estúdio, com dois violões, uma levada guarânia paraguaia. Há ainda uma versão de Luiz Gonzaga, num compacto também recolhido pela censura, e outra da cantora Simone, anos mais tarde.

Em 2008, 40 anos depois do lançamento da canção, o cantor Zeca Baleiro também lembrou o mistério em torno do compositor na canção *Geraldo Vandré*, que compõe o disco *O coração do homem bomba - vol 1*. Em sua música, Baleiro convida Vandré para tomar um café e sentencia: “Os jornalistas querem saber / o que houve com você”.

Esta é a pergunta que nunca se calou ao longo dos anos. Desde a apresentação no Maracanzinho e toda a polêmica gerada em torno da não-premiação de sua música, ninguém soube mais ao certo o destino do compositor. Houve boatos de que ele teria sido preso e estava incomunicável em alguma guarnição do Exército - os mais trágicos diziam que ele tinha sido torturado e até executado pelo Esquadrão da Morte.

O livro de Zuza Homem de Mello refaz os passos de Vandré na tentativa de se manter em segurança e pouco antes de deixar o país: primeiro abrigou-se na fazenda da viúva do escritor Guimarães Rosa, no Rio de Janeiro. Logo mais, sempre com a ajuda de amigos, embarcaria para Santiago, no Chile - foi lá que o jornal O Globo o localizou, elucidando parte do mistério sobre o seu paradeiro. “Estou bem vivo. Escrevendo e fazendo da saudade o que posso fazer”, disse à reportagem, em junho de 1969.



No mês seguinte, sem visto, Vandré foi obrigado a deixar o país. Seguiu para a Argélia e depois Europa: Alemanha, Áustria, Itália. Vandré percorreu povoados do interior da Grécia, Bulgária e Iugoslávia. “Ele certamente passou por um sofrimento profundo ao ser obrigado a deixar seu país, escondido, e ficar mais de quatro anos fora, muito mais do que qualquer outro artista”, diz Vitor Nuzzi. “Como artista apegado à terra, Vandré sofreu com a distância. E duplamente, porque não era um ‘exilado político típico’, não era militante, ficava um pouco à parte dos grupos de exilados”, completa. “Isso acentuou sua solidão”.

Na reta final do exílio forçado, o cantor chegou a ficar doente. Viciou-se em remédios para dormir, passou por internações. Seus pais chegaram a ir visitá-lo e foi a partir daí que começaram as negociações para

trazê-lo de volta ao Brasil. Mas tão misteriosa quanto a sua saída foi também a sua volta ao país.

O retorno de Geraldo Vandré ao Brasil teria acontecido sob a condição de que ele fizesse uma retratação ou confissão pública através do Jornal Nacional. Seu desembarque real no país teria sido 33 dias antes do desembarque fictício, totalmente ensaiado e encenado para ser transmitido na TV Globo, em 21 de agosto de 1973. A câmera focaliza a escada de um avião da Varig no aeroporto de Brasília, fechando mais ainda no rosto de Geraldo Vandré, barbado e com expressão cansada, aparecendo na tela. A locução informa: “O cantor e compositor Geraldo Vandré acaba de voltar ao Brasil”. Ele desce a escada e caminha pela pista do aeroporto. Em seguida faz aquele que seria seu primeiro pronunciamento desde 1968: queixa-se de que sua música foi apropriada por grupos políticos contra a sua vontade. Diz que espera cantar uma nova realidade do Brasil: “Vocês sabem, a arte às vezes é usada por um grupo determinado com interesses políticos e isso transcende a vontade do próprio autor. Eu, o que tenho a dizer é que,

na verdade, nunca estive vinculado ou comprometido em toda minha vida com qualquer grupo político”, esclarece, com voz trêmula e cabisbaixo. “Daqui pra frente só vou fazer canções de amor e paz”.

O depoimento não casava em nada com a figura de Vandré que todos tinham em mente, defendendo de forma agressiva e forte sua canção naquele festival. Para completar, o Jornal do Brasil furou a proibição de falar sobre o retorno do compositor e, na edição de 18 de julho de 1973, publicou a nota: “O cantor e compositor Geraldo Vandré foi preso, ontem, no aeroporto do Galeão, ao desembarcar de um avião. O artista foi levado para uma unidade militar, onde se encontra incomunicável”. É graças a este registro que sabemos, hoje, que a chegada transmitida pela Globo foi encenada.

O que não sabemos com certeza, entretanto, é o que aconteceu neste espaço de tempo - entre a chegada de Vandré em 17 de julho de 1973 e a apresentada pela Globo mais de um mês depois - para que o compositor mudasse tão radicalmente de

REGISTRO DE NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA
Cidade de SÃO PAULO
REGISTRO DE NEGÓCIOS - CPI - DOPS
em GERALDO VANDRÉ ou
em GERALDO PEDROSO DE
Filho de José Vandrejão de
Araújo Dias e Maria Malta Pe-
drosa de Araújo Dias. Nasceu
em 12-9-1935. Natural de
João Pessoa, Paraíba. Reside
na Av. Osvaldo Cruz, 106-
Bairros Botafogo/Est do Rio
de Janeiro.
RG 1.254.224-III-São Paulo.
Presente à reunião de cantu-
ção era composta de ser-
v. também do Sr. Paulo
- Santos.
*Sho...reternide-
reunião re-
re...

Em 23 de outubro daquele ano, [REDACTED]
[REDACTED] cedendo as pressões,
a música foi proibida [REDACTED] pelo
governo de ser [REDACTED]
executada em rádios e locais [REDACTED]
[REDACTED] públicos em todo
[REDACTED] o território nacional.



antiga
De morrer pela
E viver sem razão

[VETADO]

UM HINO
MANIFESTO!



expressão e posição. Torturas físicas? Lavagem cerebral? “Essa é uma das lendas que cresceram em torno do personagem”, diz o biógrafo quando perguntado sobre esta questão central na história de Vandré. Teria mesmo o artista cedido às exigências dos militares para ter o direito de retornar ao seu país? “É difícil responder essa questão”, responde Nuzzi. “Vandré sempre foi uma pessoa de convicções, posições firmes. Lembro que em algum momento ele disse que, na entrevista à Globo, não falou nada de que discordasse. Penso que se por um lado ele teve de ceder para voltar ao país, e isso teve um preço, por outro preservou sua obra”.

A lenda em torno desta história cresce ainda mais à medida em que jornalistas tentavam fazer a pergunta ao próprio Vandré. “A curiosidade sobre isso é uma paranoia, uma doença”, disse certa vez ao Jornal do Brasil. “Não me sinto responsável em elucidar isso”. A Maria do Rosário Caetano, do jornal O Estado de São Paulo, respondeu que nunca foi torturado. “E me nego a continuar falando sobre esse assunto”, encerrou. Um jovem repórter do jornal O Globo teve menos sorte ao perguntar-lhe se ele se considerava uma vítima do regime militar. “Vítima é você! Vítima é você!”, esbravejou nervoso.

Aos 85 anos, Vandré continua procurado por repórteres curiosos – e, por que não, corajosos – como nós, da Revestres, para responder algo cuja pergunta passou mais da metade da vida lhe incomodando. Enviamos e-mail e conseguimos um retorno de seu produtor, garantido que faria a pergunta chegar até ele. Seguimos com o seu silêncio e a eterna dúvida – o que torna tudo, convenhamos, ainda mais fascinante.

Arte engajada, música popular e a canção que pede para ser cantada.

Millôr Fernandes tratou-a como a “Marselhesa” brasileira. *Pra não dizer que não falei das flores* era cantada nas cerimônias, reuniões e protestos, apreciada pelos intelectuais e eruditos da época. Mas o que é, de fato, que faz essa canção ser lembrada até hoje com sentimentos profundos e também contraditórios?

Para Feliciano Bezerra, doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e professor de Letras da Universidade Federal do Piauí, trata-se de uma canção emblemática da chamada “arte engajada” do período - era como definiam um tipo de arte comprometida com proposições emancipatórias, no campo ideológico, cultural e político, acontecendo também em outros campos como o teatro, o cinema e a literatura.

Mas, por ter mais visibilidade e força de difusão, a canção de Vandré acabou circulando com maior intensidade e ganhando mais presença e adesão - e contou, é claro, com um dos fenômenos mais influentes e

mobilizadores da juventude naquele período, os festivais de música, que o jornalista Tárík de Souza definiu como “vitrine e laboratório de canções”.

Alguns fatores são responsáveis por tornar a canção um marco nas lutas em favor do restabelecimento da democracia e dos anseios por liberdades. “Sua força discursiva, a melodia penetrante e de fácil apreensão, o momento histórico no qual foi lançada, o ambiente cultural expressado naquele momento”, aponta Feliciano. “Tudo isso fizeram-na manifesto de uma geração, de um verdadeiro hino adotado por setores da cultura e de interesses políticos libertários”.

O pesquisador observa ainda que alguns de seus versos, notadamente o refrão, foram construídos de forma a não se limitarem a pontualidades referenciais de espaço e tempo. “Isso resultou em presunções universalizantes da condição existencial do sujeito lírico, do indivíduo que está no mundo e que precisa compreender que ‘esperar não é saber’ e que ‘quem sabe faz a hora, não espera acontecer’”. Além disso, *Pra não dizer que não falei das flores* tem um aspecto de “metacanção”, nas palavras do professor: “antes de tudo, antes de qualquer

"Você passará, Vandré. [REDACTED]
[REDACTED] O povo esquece depressa.
Sua música [REDACTED]
causou sensação, mas [REDACTED]
logo será esquecida".
- general Aspirante Bastos
em "Carta a Geraldo Vandré. [REDACTED]"

efeito enunciativo, ela nos convida a segui-la em seu caminho. A canção pede passagem e quer ser cantada".

Somada às suas estratégias enunciativas, a estrutura musical é muito simples - o que é diferente de simplista. Descendo do modo menor para o maior, um tom abaixo, e subindo novamente em constante repetição, o movimento de ida e vinda pode se assemelhar à caminhada cuja letra convida: se uma passeata pudesse ser traduzida em som, talvez tivesse essa melodia. A toada obedecia à conduta do compositor, segundo o próprio Vandré, em depoimento dias antes da defesa no festival: "Em canção popular a música deve ser uma funcionária despudorada do texto".

Para o músico e compositor Alexandre Rabello, com quem conversamos sobre o assunto, o violão meio "guarânia" faz dessa canção um portal que leva o ouvinte direto para a atmosfera dos anos de chumbo: "Ela é como se fosse uma fotografia daquele momento", observa. "Eu acho que o mais complexo dessa música é entender a emoção que ela exige para ser tocada", observa ele, que se refere a Vandré como um dos grandes "cantantes" latino-americanos. "Esses dois acordes, simples, com essa letra tão certa, têm uma carga emocional gigante - tocar essa música sem emoção é passar por ela e não perceber a riqueza que há por trás desses sentimentos", diz.

O racha musical político e por que choras, Bossa Nova?

Embora *Caminhando* seja uma música com três nomes - o menos conhecido é "Sexta coluna", que ficou como um subtítulo esquecido - quase todo mundo se confunde na hora de chamá-la pelo seu nome principal: é "Pra não dizer que não falei DE flores" ou "DAS flores"?

Na recente entrevista para Pedro Bial, o jornalista e pesquisador Tárk de Souza traz argumentos que defendem o uso da contração da preposição *de* + o artigo *a*, no plural. "A música que cindiu a bossa nova dizia que falar de flor não era alienar uma canção", diz o jornalista. "Havia um racha entre os músicos da esquerda e da direita, sendo a direita representada pela 'arte pela arte', que ficou conhecida pelo 'o amor, o sorriso e a flor' (referência a disco de João Gilberto, de 1960), que queria cantar músicas mais leves, queria

cantar o amor", explica. "E aí vem o Vandré com essa provocação".

Para Feliciano Bezerra, o título da canção flagra um embate cultural/estético próprio da época. "As correntes musicais mais ligadas à jovem guarda e à bossa nova, confectionadas pela linha do lirismo passional, ficavam de um lado, e as expressões cancionistas mais voltadas para o engajamento político, do outro", comenta. "Então, Vandré deslocou o campo semântico de 'flores', próprio da passionalidade temática do mar/amor/sorriso/barquinho/flor/beijinho... e trouxe-o, ironicamente, para uma arena de especulações históricas e dialéticas do real confronto ideológico, questionando quem ainda acreditaria na possibilidade romantizada de uma flor vencer um canhão".

Curiosamente, Vitor Nuzzi nos informa que Vandré diz que o título da música é "DE flores" - muito embora em todos os discos em que foi lançada a grafia tenha saído "Pra não dizer que não falei DAS flores". Seria uma tentativa de desviar, magistralmente, a intenção provocativa da música? Nunca saberemos. ☺

"DAS" FLORES OU "DE" FLORES?

EMPRESAS INVESTEM EM CAPACITAÇÃO DE JOVENS DE ESCOLAS PÚBLICAS EM TERESINA E TIMON

Investir na capacitação de jovens também é um compromisso do grupo Aegea Saneamento, que opera no Nordeste através da Águas de Teresina e Águas de Timon, cidades do Piauí e Maranhão, respectivamente. As concessionárias realizam o projeto Pioneiros, que visa aprofundar o conhecimento dos jovens sobre o mercado de trabalho e a atuação em diferentes profissões.

Ao todo, 31 alunos de escolas públicas de Timon e Teresina participam do Pioneiros. Por meio do projeto, eles têm a oportunidade de aprender sobre a infraestrutura de saneamento e a dinâmica nas diversas áreas das empresas, estimulando o pensamento crítico e reflexivo, o senso de responsabilidade, a criatividade e a inovação.

"Essa é a segunda edição do projeto e temos um carinho muito grande por ele, porque sabemos que ele molda escolhas e define futuros. É muito gratificante fazermos parte da construção de um profissional e é isso que desejamos aos alunos do Pioneiros: que eles sejam cada vez mais capacitados e tenham grandes oportunidades no mercado de trabalho", acrescenta o gerente de sustentabilidade das concessionárias, Pedro Alves.

Neste ano, a iniciativa está sendo realizada em plataforma online, em razão das medidas de distanciamento social. Para viabilizar as atividades, as empresas realizaram a entrega de tablets aos estudantes.





São doze encontros online com gestores, com carga horária total de 48 horas.

Os estudantes são divididos em duplas e vivenciam todos os setores da empresa, por meio de workshops, palestras, visitas técnicas e outras atividades. Com o auxílio de um tutor, eles devem elaborar projetos sobre o saneamento com os mais variados temas, como tratamento e distribuição de água, esgotamento sanitário, drenagem urbana e manejo de resíduos sólidos.

Para Gustavo Silva, estudante do Centro De Ensino Maria Conceição Teófilo Silva, em Timon, essa experiência está ajudando a decidir o seu futuro. "Depois que eu comecei a participar do projeto Pioneiros, eu passei a entender mais como funciona uma empresa grande e me identifiquei bastante. Hoje eu quero me tornar um engenheiro", declara.

Quem também decidiu sua profissão após o projeto foi a estudante Ruama Saraiva, da Unidade Escolar Professora Auristela Soares Lima, em

Teresina, que participou da primeira edição do Pioneiros. Seu trabalho foi destaque em concurso nacional realizado pela Aegea, que aconteceu no final do ano passado, em São Paulo. "Por conta da oportunidade de conhecer cada setor da empresa, eu pude me encontrar, e escolher qual profissão quero seguir. Entrei no projeto querendo ser engenheira mecânica e, hoje, pretendo ser publicitária. E isso só foi possível pela experiência e conhecimento que adquiri durante o projeto. Com certeza são conhecimentos que levarei pelo resto da vida", afirma.

Para o diretor presidente das concessionárias, Cleyson Jacomini, o Pioneiros é um projeto muito importante porque também atua na qualificação dos alunos dos municípios e oferece oportunidades de emprego. "Parte dos estudantes que estiveram conosco no Pioneiros do ano passado ingressou como jovem aprendiz na empresa. Então, creio que eles saem daqui mais confiantes de que são capazes de conquistar seu espaço no mercado de trabalho", finaliza. ●

BEATS PARA RELAXAR

Lo-fi: o gênero musical fenômeno na internet conquista jovens e é considerado válvula de escape.

POR OHANA LUIZE

Vá até o YouTube e digite Lo-fi. Você encontrará uma infinidade de músicas, transmissões ao vivo com duração de horas (até dias) e um clima de relaxamento, reforçado por imagens de pessoas lendo e escrevendo, usando fones de ouvido, em ambiente caseiro ou mesmo cenas que remetem a paisagens urbanas de grandes cidades do mundo. Com todas as circunstâncias de distanciamento provocadas pela pandemia de Covid-19 em 2020, o gênero musical conquistou um público cada vez maior e predominantemente jovem. Mas há registros desse movimento ainda entre os anos



de 1970 e 1980, ou mesmo antes desse período.

O jornalista e pesquisador da música Lo-fi, André Santa Rosa, 21, explica que “nos anos 1950 já vemos esse tipo de produção, muito ligado ao rock de garagem. Tem uma concepção mais política, até, de despreendimento dos padrões estabelecidos pelo topo da indústria”. O termo Lo-fi vem do literal *low fidelity* – baixa fidelidade. Na música, registros indicam que o estilo surge em meio à ascensão da contracultura e pelo aumento nas produções de baixo custo, independentes de grandes gravadoras e que foram impulsionadas por DJs na década de 1980. A música Lo-fi então une em sua proposta experimentação, simplicidade e a ideia de DIY – outro termo em inglês que significa “Faça Você

Mesmo”. O gênero parece alinhado ao estilo de vida contemporâneo.

“A música tem a capacidade de mexer com o ser humano e o Lo-fi é produzido exclusivamente pensando nisso. Hoje temos produções focadas a ajudar quem tem déficit de atenção, outras em quem tem insônia, ansiedade, depressão e, em sua grande maioria, produções focadas em aumentar a produtividade”, conta o DJ Rodrigo Lagoa, 33, destacando que ouvia uma playlist Lo-fi enquanto escrevia para Revestrés. Ele reside em Goiânia, tem formação na área de produção de música eletrônica e é DJ desde 2013, tendo iniciado os trabalhos com Lo-fi em 2020. Rodrigo afirma que há diferenças entre o que ele produz e o que toca, carregando experiências vivenciadas no Brasil e



Ilustração de Juan Pablo Machado - canal Chilled Cow

em países como Argentina.

Quem também reúne influências do exterior é Miyuki Kuzuoka, 28. Em 2019, ela e um parceiro da Megaphonic's (banda de música japonesa independente, de São Paulo) foram para o Japão tocar faixas de um disco autoral nas ruas de Kyoto e Yokohama. A trajetória foi sendo modificada devido à Covid-19. "Quería fazer algo que pudesse, de certa forma, ajudar as pessoas neste momento difícil. E tenho recebido muitas mensagens de agradecimento, pois realmente a música tem ajudado a muitos", conta sobre as produções de música Lo-fi. Miyuki planeja o lançamento de um EP ou álbum, mas ainda se divide entre os lançamentos de singles digitais e uma especialização em áudio para televisão.

Esse aspecto de autoajuda ligado

ao consumo de Lo-fi está relacionado com o ritmo cadenciado dos *beats* (as batidas da canção), a inclusão de sons ambientes como pequenos ruídos e chiados propositalmente, e, em sua maioria, sem a presença de vocais. As criações partem de experimentações originais ou da inserção das batidas eletrônicas em canções de jazz, hip hop, MPB e uma infinidade de cruzamentos.

André Santa Rosa retorna a outro conceito para caracterizar o estilo. "É o potencial desses sons como música de mobília. O conceito surgiu ainda no século XX, a partir de Erik Satie, para pensar uma composição com dinâmicas baixas, suave, sem tensões ou grandes mudanças tonais, elaborada para que os espectadores não prestassem atenção. No contexto da internet e desse uso *multidesk*, com várias abas e páginas, a experiência que mapeei do público com as rádios e playlists Lo-fi vem justamente da ideia de uma música para acompanhar outras atividades. Seja estudar, jogar videogame ou para dormir".

Se o ritmo é mais lento, a audiência na internet cresce de forma acelerada. "Tem uma playlist chamada 'Concentração para Estudar', com mais de 16 mil seguidores e que tem atividade de ouvintes muito grande diariamente. Outro exemplo é a playlist 'lofi sleep lo-fi rain', com mais de 13 mil seguidores e que tem uma atividade enorme durante a madrugada, o que nos mostra que realmente as pessoas escutam essa playlist para auxiliar na hora de dormir", cita DJ Lagoa.

Outros exemplos no YouTube são os canais ChilledCow (mais de 6 milhões de inscritos), Chillhop Music (mais de 3 milhões) e a nacional Rádio lofi BR 24H (mais de 20 mil inscrições). No Soundcloud é possível encontrar listas com mais de 50 mil curtidas, e no Spotify

algumas marcam mais de 3 milhões de seguidores.

O sucesso do Lo-fi é forte entre a chamada geração Y ou Millennials. A identificação aparece também através das ilustrações que acompanham as reproduções sonoras. "Com o que você se identifica? A imagem de uma menina na janela do trem voltando para casa? Uma menina estudando 24 horas? Ou seria um sentimento? Sentimento de querer ficar 'de boa' vendo o céu e escutando uma música relaxante? Eu também acredito que as imagens trazem o sentimento de nostalgia. Nostalgia de um sentimento que a gente nem sabe definir", diz Miyuki sobre a relação entre imagens e sons.

A respeito disso, a designer e ilustradora Laís Ezawa, 23, de Florianópolis, observa a presença das situações cotidianas, cenas de animações japonesas famosas e retratos de jovens em sensações de conforto e relaxamento. "As paletas de cores geralmente mais quentes, ou de cores pastéis, a ilustração de um dia levemente ensolarado, ou de uma noite bem tranquila em meio a vários cobertores e almofadas, passam essa 'vibe' que combina com o Lo-fi".

Laís confessa que o gênero vem "salvando" seus dias e o tornou auxiliar no trabalho que realiza totalmente em *home office*, além de estudos e projetos pessoais. "Como estou há muito tempo sem ver minha família e amigos, sem sair, sem viajar, sem ter quase interação social fora das redes e ainda recebendo diariamente notícias terríveis sobre o meu país e a pandemia, eu me sinto muito ansiosa e estressada. Com o Lo-fi eu consigo, mesmo que por alguns minutos, pensar menos em todos esses problemas e realmente seguir". O sentimento de Laís virou ilustração.



“

HOJE TEMOS PRODUÇÕES FOCADAS A AJUDAR QUEM TEM DÉFICIT DE ATENÇÃO, INSÔNIA, ANSIEDADE, DEPRESSÃO E, EM SUA GRANDE MAIORIA, EM AUMENTAR A PRODUTIVIDADE.

DJ RODRIGO LAGOA

O AGORA E O FUTURO

O gênero acompanha as transformações do tempo em torno do consumo, produção e distribuição, além de dialogar com a identidade de cada nova geração. Todo o alcance percebido nos últimos anos e que parece ter atingido o auge em 2020 se coloca diante de alguns cenários. Por um lado, o fato de ser fenômeno pode conferir ao gênero caráter momentâneo. E o interesse de grupos cada vez maiores por essas músicas impõe desafios relacionadas às dinâmicas de mercado.

“É muito difícil para nós brasileiros entrarmos em playlists editoriais (que são as maiores do Spotify, com curadoria própria). Mas caso consiga, essa playlist vai dar um salto na sua carreira e, conseqüentemente, você irá ganhar ‘bons dólares’ com isso”, explica o DJ Rodrigo Lagoa.

Rodrigo conta que os números atingidos por produtores de Lo-fi no Brasil são altos em termos de audiência, mas não há investimento ou apoio. Sobre a cena nacional, o DJ acredita que “não irá demorar para que o Brasil domine a cena, pois se tem uma coisa que o pessoal lá fora não tem, que a gente tem em abundância, é a criatividade. E criatividade no Lo-fi faz uma diferença enorme”.

Trabalhar como artista independente tem ainda outras dificuldades, segundo Miyuki. “Tudo depende de quanto você tem para investir, do tempo que você se dedica ao marketing. Você pode fazer sua música e ela ser incrível, mas se não souber divulgá-la, dificilmente ela chega para as pessoas. No meu caso, tudo depende de mim, desde a criação da música, gravação, mixagem, postagem e divulgação. Por isso que eu digo, é trabalho de formiguinha! É difícil, mas a gente precisa continuar”.

André Santa Rosa observa, a partir de um artigo publicado em 2018 (“Lofi Hip Hop Radio”: Youtube, Música Instrumental e Novas Escutas) e comparando com o atual momento, que as criações com baixos recursos e de modo quase caseiro devem permanecer. “Sempre vai surgir gente querendo lançar sua arte, mas que não tem esse dinheiro para gravar em um bom estúdio. Inclusive é possível que a melhora na qualidade dos computadores e dos gravadores dos celulares faça com que as pessoas invistam mais nos estúdios caseiros e na sonoridade Lo-fi. A quarentena pode fazer muita gente tente criar seu som através do próprio computador e descubra que é possível”.

O sucesso dessas músicas vai de carona no alcance das redes sociais e na propagação de conteúdos em áudio e vídeo. O modo viral é visto pela designer Laís Ezawa como

oportunidade para crescimento, conquista de público e rentabilidade. “O Lo-fi realmente ajuda a dar uma levanta no ânimo, no foco e a relaxar. Além disso, como é um tipo musical de baixo (ou nenhum) custo na produção e mais acessível, acredito que o número de pessoas criando novas playlists só vai crescer também. Aposto que num futuro (não muito distante) alguma banda ou cantor(a) famoso(a) vai lançar alguma música ou clipe com referências do Lo-fi, justamente visando a viralização nas redes sociais”.

O Lo-fi tem servido como “um remédio com doses diárias”, na opinião do DJ Rodrigo Lagoa. A metáfora ajuda a explicar os motivos para essas músicas ampliarem a audiência na promoção de alguns momentos tranquilos diante de um mundo acelerado. 🎧



“

EU TAMBÉM ACREDITO QUE AS IMAGENS TRAZEM O SENTIMENTO DE NOSTALGIA. NOSTALGIA DE UM SENTIMENTO QUE A GENTE NEM SABE DEFINIR. MIYUKI KUZUOKA



UM SHOW DE PISEIRO, VOADORAS E DIVERSÃO



Com mais de um milhão de inscritos no Youtube, banda de garotos do Maranhão levanta poeira e conquista a internet com criatividade e humor.

POR VALÉRIA SOARES

FOTOS THEO CORREIA

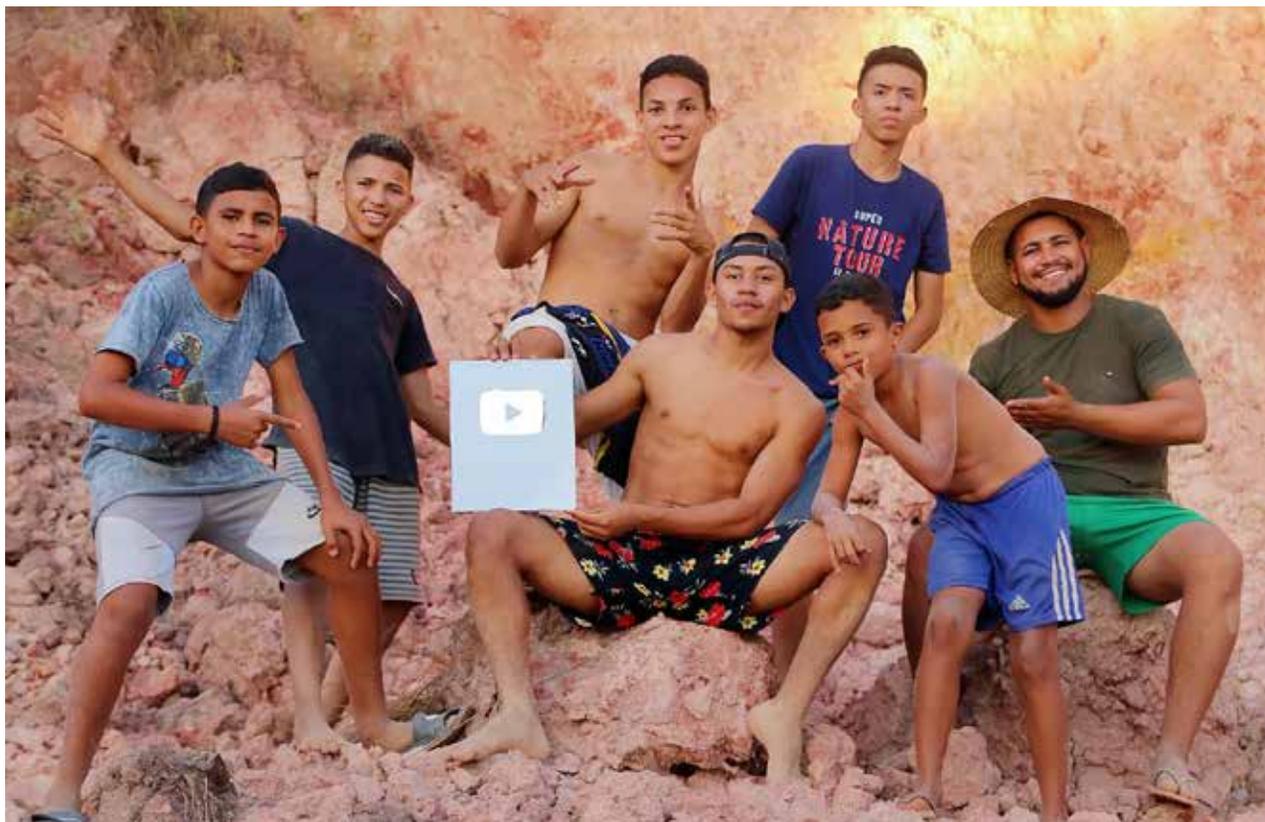
Mais de um milhão de pessoas acompanham a criatividade e ousadia de oito jovens do interior do Maranhão, através do YouTube e Instagram, pelas performances com batidas de lata, coreografias inusitadas e muito piseiro - ritmo musical da região nordeste. Eles integram a banda O Fundo de Quintal (OFC), formada em setembro de 2019 durante as brincadeiras nos quintais do povoado Centro dos Rodrigues, na cidade de Santo Antônio dos Lopes, a 300 km de São Luís.

Bateria feita de lata amarrada com arames; chinelo ou galho seco como microfone; barranco com areia e lama como locações. Esses são os instrumentos e o cenário das apresentações do OFC, gravadas com celular, semanalmente, por Riquelme Santos (14), vocalista; Victor Santos (18), percussão; Rhuan Miranda (17), percussão; João Vitor Paiva (16), cinegrafista; e os dançarinos Denilson de Araújo (18), Eulisses Nascimento (12), Jhaymerson Santos (18), Matusalém Santos (25).

Como boa parte dos virais da internet, a ideia a princípio era só fazer vídeos para brincar e divulgar entre os amigos. “De início, gravamos e postamos. No segundo vídeo achamos que faltava alguma coisa, chamamos o Eulisses (dançarino). E depois ele aqui (Riquelme, cantor)”, diz Jhaymerson. “E hoje é esse sucesso que você está vendo aí”, acrescenta Victor, satisfeito pelo grupo ser reconhecido por mais pessoas que a população da região de Santo Antônio dos Lopes, 14 mil habitantes segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A tarde de brincadeira de vizinhos com uma caixa de som e microfone hoje rende vídeos no canal do YouTube, com mais de um milhão de inscritos, viagem a São Paulo para conhecer produtoras e gravar clipes em parcerias com outros artistas. “Quem diria o cara gravando assim na lama, aquela poeira toda, levar a gente para São Paulo, é muito gratificante, ‘tédoido’”, conta Jhaymerson admirado pelo feito, ao lado dos outros garotos, sentados na porta de casa, em conversa com a Revestrés pelo Zoom.

Nos vídeos do OFC, a cada nova música a dramatização conta com voadoras (golpe de perna com chute no pescoço), chutes e cambalhotas pelo chão. A proposta dos integrantes leva humor e criatividade sem limites. “É porque o vídeo em que saiu uma voadora a galera



O GRUPO FAZ COVERS DE ARTISTAS INTERNACIONAIS COM AS 'VERSÕES FQ', DA PRÓPRIA BANDA.

gostou. Agora a gente coloca sempre algo e a galera gosta”, ri Jhaymerson. Roteiro, seleções de música e figurino são planejados pelo baterista Victor Santos. “Eu penso no que pode ter, mas levo em consideração a ideia e criatividade de todos os meninos”, diz o baterista, que já deixa claro que os chutes e voadoras não são nada ensaiados, mas que ninguém sai machucado porque são “profissionais”.

A fama nas redes sociais trouxe para os meninos visibilidade entre artistas nacionais, como Anitta e Dennis DJ. O OFC também tem a atenção do cineasta Kléber Mendonça e do jornalista Xico Sá, que compartilham suas apresentações no Twitter com elogios. Nos vídeos, os hits mais escutados no Brasil já foram gravados pelo

grupo. Além das famosas músicas brasileiras, o grupo faz *covers* de artistas internacionais com as “versões fq” (como chamam as versões da própria banda).

As músicas de Miley Cyrus, Guns N’Roses e Justin Bieber foram algumas delas. A canção *Sweet Child O’ Mine*, da banda de rock norte-americana, foi parodiada como “topada grande”, onde relatam a surra que levam da mãe ao quebrar uma chinela. A música *Baby*, do cantor canadense, ganhou versão “chá de boldo”, em referência ao remédio para, segundo eles, “curar o Coronavírus”.

O sucesso de visualizações e número de seguidores, que crescem diariamente nas redes sociais, fogem do que eles imaginaram quando lançaram os primeiros vídeos na internet com covers de músicas de forró. “A gente tem uma noção de onde nossos vídeos chegam, mas também sabemos que vai muito mais além”, diz Victor. Eles contam que tiveram o trabalho conhecido por uma *youtuber* internacional e uma das maiores páginas de memes “da gringa”. Para eles, que estão fora do eixo de visibilidade midiática brasileira, não era algo esperado em menos de um ano de divulgação na internet. “A gente fica feliz, mas tenta encarar da maneira mais natural possível para não subir à cabeça.

Sempre humildes e com pé no chão e fazendo sempre o que sabemos: humor, música e alegria”, comenta Jhaymerson, sobre ter o reconhecimento de artistas e do público.

Entre os projetos já idealizados pelo grupo foi realizado o CD *Respeite o Desmantelo*, com 10 faixas, disponível no site *Sua Música* e YouTube. O material, que a princípio teria um financiador, teve que ser bancado pelos integrantes para ser lançado. “Suamos as canelas para pagar, mas tá aí. Mais de 500 mil 'visu' no YouTube”, fala Jhaymerson, sendo complementado com mais números pelos outros. Em São Paulo, gravaram quatro clipes e fizeram uma entrevista exclusiva com o Kondzilla, maior canal do YouTube no Brasil. Durante a produção dessa matéria, receberam a placa de um

milhão de inscritos no Youtube e postaram nos stories do Instagram: “Só via os outros ganhando, hoje é nós”, disse Denilson emocionado, enquanto limpava a placa.

Uma das inspirações dos garotos é o piauiense Whindersson Nunes, um dos maiores youtubers brasileiros. Também são fãs do trabalho do Tirulipa, humorista cearense, e da banda de rock cômico Mamonas Assassinas, sucesso no país na década de 1990 pelas apresentações criativas e engraçadas. O grupo relata que os dois humoristas estão bem próximos da realidade em que vivem, por serem conhecedores da vida no interior. Recordam que em um mesmo dia Tirulipa notou o trabalho do grupo e eles atingiram um milhão de seguidores no Instagram. O OFC comemorou soltando

foguetes no povoado. “A gente surtou, foi uma felicidade muito grande. Foi foguete demais”, conta Victor, satisfeito.

Shows, *lives* e empresário já fazem parte da rotina da banda que nasceu no interior do Maranhão e conquistou o Brasil. Mas são enfáticos em dizer que se o dinheiro aparecer é lucro. “Nós queremos é fazer um trabalho bem feito com vídeos engraçados, para contribuir com a alegria dos fãs e mostrar a brincadeira raiz de interior”, finaliza Jhaymerson, seguido da confirmação de todos. 📍

Acesse o canal
do OFC
no Youtube



TESÃO NA GELADEIRA

O MAIS RECENTE LIVRO
DE WELLINGTON SOARES.
JÁ NAS LIVRARIAS.

Quimera
ESPAÇO CULTURAL E IDENTIDADE

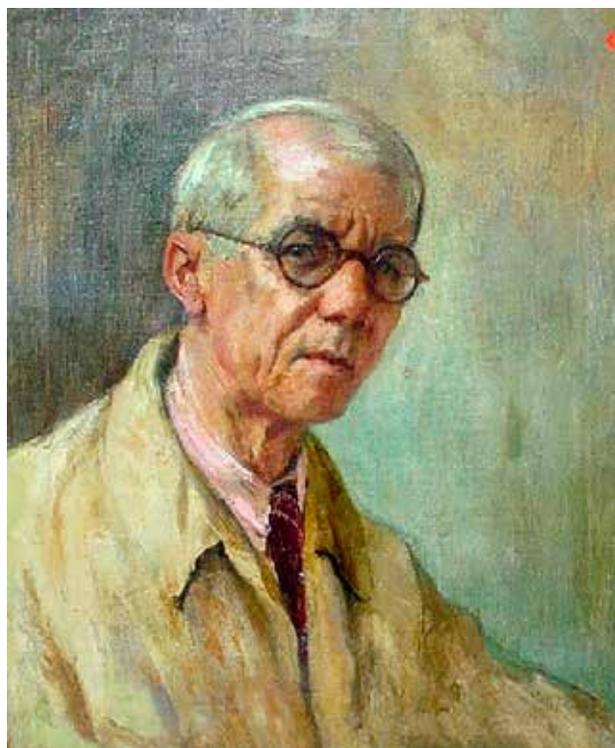
é a história nossa como ch

MESTRE DAS TINTAS E TELAS

Premiado internacionalmente, o piauiense Lucílio de Albuquerque foi um dos artistas plásticos mais influentes do século XX no Brasil.

POR VALÉRIA SOARES

IMAGENS ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL



"Nada mais nos aproxima os povos do que a Arte. Pode-ser-ia mesmo afirmar, sem exagero, que onde a arte termina, começa a desarmonia", afirmou um dos maiores pintores brasileiros do século XX, Lucílio de Albuquerque, em evento de missão de intercâmbio artístico, na cidade de Buenos Aires, em 1921. Eclético e curioso, foi um mestre das pinceladas que transitou por várias categorias de técnicas e estilos da pintura, introduzindo no país os conceitos de movimentos artísticos como o Simbolismo e Expressionismo.

Nascido em Barras, cidade ao norte do Piauí, ele ganhou o mundo com as tintas, telas, desenhos e vitrais. Filho do desembargador Alcebíades Dracon de Albuquerque Lima e dona Filomena Albuquerque residiu de 1877 até os sete anos de idade em terras piauienses. Depois de viver no Pernambuco na adolescência, foi para São Paulo, onde estudou Direito, profissão que abandonou para persistir na vocação de artista na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, em 1896.

Os escritos sobre a vida do pintor relatam que

Paisagem de Petrópolis:
Reprodução Fotográfica
Romulo Fialdini



durante os estudos na capital carioca foi instruído por professores como Zeferino da Costa, Rodolfo Amoedo, Henrique Bernadelli e Daniel Bérard. Já se destacando por suas obras, ganhou bolsa de estudos em Paris, (1906-1911), com o quadro *Anchieta Escrevendo Poema à Virgem*, para estudar na renomada École Nationale Supérieure des Beaux-Arts e na Académie Julian.

A professora e artista visual Elenilce Mourão, pesquisadora da obra de Lucílio em Teresina, destaca que, em Paris, o pintor teve a oportunidade de lidar com as novas maneiras de tratar a composição, a cor e a pincelada, para aplicar em suas obras. “Ao retornar ao Brasil em 1911, trazia na bagagem mais um leque de conhecimentos e muitas obras representativas, desenvolvidas em sua estada de aprendizagem e vivências, impressões de outros lugares de onde foi possível expor e participar de conferências. Conheceu pessoas e aspectos da arte nunca vivenciados, além de ser um exímio conferencista em defesa da Arte e de divulgação da arte brasileira”, relata.

Considerado um dos artistas de estética mais diversa e vibrante do país, por retratar paisagens do cotidiano

O despertar de Ícaro:
Reprodução fotográfica
Antonio Caetano



INTRODUZIU NO PAÍS OS CONCEITOS DOS MOVIMENTOS ARTÍSTICOS COMO O SIMBOLISMO E EXPRESSIONISMO.

e históricas, natureza, nus, mitologia grega e religiosidade, ele lecionou na Escola Nacional de Belas Artes (1911-1937), sendo mestre para outro grande pintor brasileiro, Cândido Portinari. Além de ser Membro da Sociedade Propagadora das Belas-Artes, da Associação de Artistas Brasileiros e da Academia Fluminense de Letras.

Pela dedicação ao ofício, Lucílio foi admirado por grandes escritores e artistas brasileiros. Em 1939, no



Jornal *O Estado de São Paulo*, o poeta e escritor Mário de Andrade escreveu que a obra *O retrato de Georgina* (1920) captava a segurança e sensibilidade no desenho e de cor que dava ao artista um lugar histórico da plástica nacional. Monteiro Lobato, em 1926, no mesmo jornal, afirmou: “a pintura de Lucílio tem a solidez técnica dos mestres e a honestidade artística que torna cada tela um documento exaltado à altura da lição”.

Lucílio foi casado com Georgina de Albuquerque, que também dedicou a vida às expressões artísticas e foi a grande responsável pela construção de seu acervo póstumo no Rio de Janeiro, hoje pertencente ao estado.

MEMÓRIA DE LUCÍLIO DE ALBUQUERQUE NO PIAUÍ

O neto João Lucílio de Albuquerque recorda que, em visita ao Piauí em 2010, teve a satisfação de ser recebido com banda de música, presenteado com bandeira do estado em Barras e palestrar para professores e estudiosos em Teresina sobre o avô, que ele não conheceu

em vida, mas o tem na memória como um homem que batalhou pela cultura brasileira. “Ir ao Piauí foi uma experiência interessante. Fiquei muito emocionado”, relatou sobre o contato que fez com as origens dos seus familiares.

O legado de Lucílio no Piauí é representado em grandes trabalhos do artista no Museu Odilon Nunes, material doado por Georgina de Albuquerque, quando o museu ainda era uma seção do arquivo Público de Teresina. *O Guarani* (sem data), *Flamboyant* (1928), *Paraíso Restituído* (1911), *O grande circo* (1933) são alguns deles.

Das mais de 400 telas em exposição pelo país, de uma não se sabe o paradeiro. A tela *Marinha*, roubada da prefeitura de Barras em meados de 2011, deixou uma lacuna na história da cidade que busca ser preenchida por admiradores. Como é o caso do médico Gisleno Feitosa, que, ao procurar saber quem era o homenageado da praça da qual residia próximo, soube da importância de Albuquerque para o mundo das artes plásticas. Uma figura notável que ele lamenta não ser de grande visibilidade no estado.

O retrato de Georgina:
Reprodução Fotográfica
Romulo Fialdini



“
UM EXÍMIO CONFERENCISTA
EM DEFESA DA ARTE
E DE DIVULGAÇÃO
DA ARTE BRASILEIRA.
ELENICE MOURÃO, ARTISTA PLÁSTICA

A partir de pesquisas que fez, passou a ser um contador da história do artista. O médico menciona que a afeição pelas obras do pintor o fez gostar de arte e associá-la à sua área de atuação de forma mais humanizada. “A pintura de Lucílio de Albuquerque me transporta para um ambiente de reflexão e fascínio, criando uma atmosfera de paz, sobriedade, harmonia, naturalidade e encanto”, comenta.

No livro *A História da Arte e da Arquitetura do Piauí*, de 2005, as autoras Elenilce Santos Oliveira, Fernanda Pearce de Carvalho e Maria Isalina de Moura Cortez registram um capítulo sobre as obras *O Guarani* (sem data), *Despertar de Ícaro* (1910) e *Paraíso Restituído* (1911). O trabalho analisa, além da estrutura composicional das pinturas, como foram as influências impressionistas e simbolistas das obras. “Do Impressionismo, Lucílio captou a atmosfera luminosa, rompimento dos contornos na justaposição de áreas de cor, tornando a composição com aspecto de esboço.

Quanto às tendências simbolistas foram reconhecidas na representação das cenas subjetivas com o predomínio da emoção, do onírico e da imaginação nos temas mitológicos”, descreve a artista plástica Elenilce Santos

As ruas, praças e instituições públicas na cidade de Barras e Teresina, como a Pinacoteca Lucílio de Albuquerque no Palácio da Cultura da capital, são as memórias do artista no estado. A neta, Beatriz de Albuquerque, comenta que o contato que ela e seus irmãos tiveram com o avô foi como muito dos apreciadores das obras, através dos quadros, discos e leituras. “Meu pai falava muito deles e tínhamos quadros de meus avós em casa. Gostava muito de ouvir um disco que conta a vida deles”, diz. Mesmo diante do esquecimento da valiosa obra do artista na sociedade piauiense, familiares, pesquisadores e admiradores preservam e divulgam as contribuições de Lucílio de Albuquerque para as artes plásticas, como forma de valorizar a cultura brasileira e a história da Arte no Piauí. 📍

NO VÃO DO ONÍRICO

No trabalho artístico de Isadora Machado, consultas às cartas de tarot se unem à intuição e criatividade.

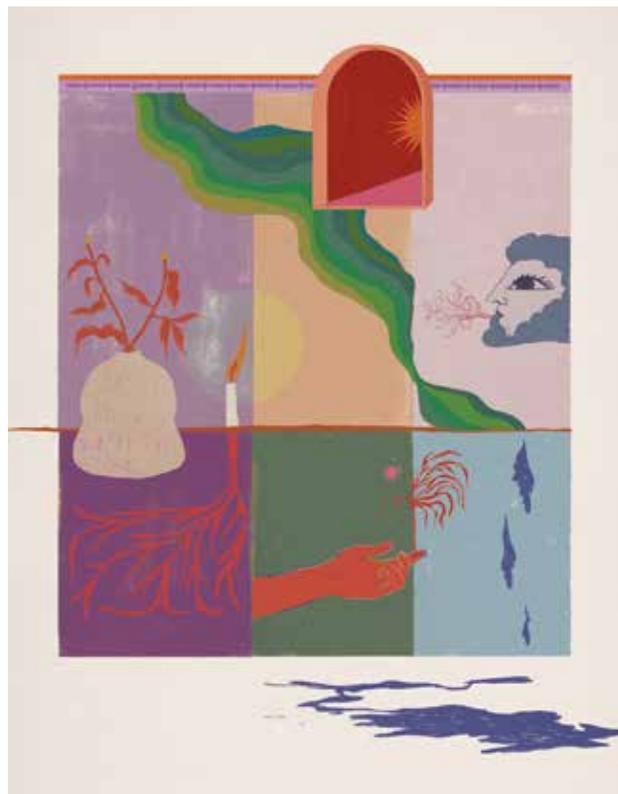
POR ALDENORA CAVALCANTE

Um sopro de ventos que vem do norte anuncia: esse é um mergulho para dentro de si. Através de seu trabalho artístico, Isadora Machado percorre um caminho por entre universos cósmicos e nos transporta para um diálogo entre o sentir e o ser que desemboca em desenhos e pinturas carregados de simbologia.

“A melhor forma que consigo descrever o meu trabalho é a intuição. Fico bastante atraída por universos misteriosos, pelos sonhos e o surrealismo porque tudo isso permite a invenção das coisas, a exploração de sensações e de outros sentidos”, explica Isadora, 30 anos.

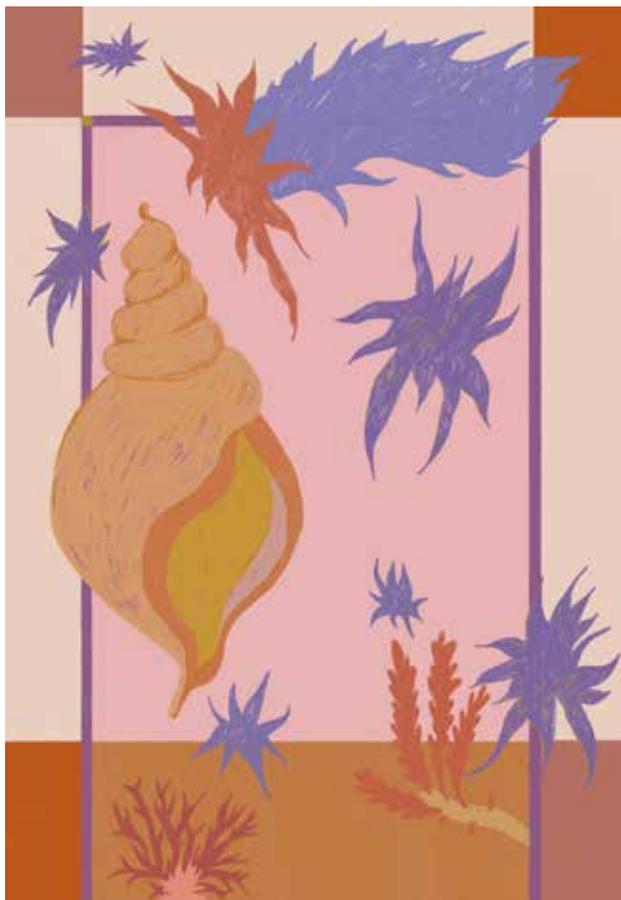
Autodidata, se dedica à produção artística multidisciplinar com foco em desenho e pintura, explorando símbolos, intuição e mistérios cósmicos desde 2017. Natural do Rio de Janeiro, a artista já morou em algumas cidades como São Paulo, Belo Horizonte e Florianópolis e mudou-se há dois anos para Porto, Portugal. De lá para cá, já apresentou trabalho cenográfico em equipe na Quadrienal de Praga. Participa de feiras de exposições em Portugal e ilustra artigos de publicações feitas em espaços como o Jornal Rascunho e a plataforma multimídia Shado.

Em setembro, com a flexibilização da pandemia em



Portugal, Isadora participou da Feira da Alegria, no Porto. Na ocasião, produziu sua primeira experiência oracular de criação de cartas. Onze cartas acompanhadas de mensagens escritas com o intuito de trazer pensamentos e troca de reflexões para o público. O trabalho foi recebido de forma curiosa por quem tirava as cartas e se encorajava no processo de imersão por entre os signos dispostos.

As cores e formas que compõem as suas criações fluem de maneira sutil e conduzem para múltiplos significados. Nesse processo, o fazer artístico recebe mais uma camada de sentido por meio da consulta às cartas. Esse componente surge por volta de 2015, quando a artista começa a utilizar o tarot dentro de seu processo de autoconhecimento e as leituras e tiragens, se expandem para a prática artística e os desenhos autorais feitos sob encomenda. “Eu tinha vontade de oferecer a leitura e o tarot para ajudar outras pessoas na autocompreensão. Daí comecei a estudar as possibilidades de expressão com essa parte mais mística e uma coisa acaba interferindo na outra. Ao fazer um desenho, dialogo com os oráculos. E quando faço tiragem de tarot e consulta de outros oráculos como o pêndulo, a camada criativa complementa a leitura dos símbolos”, explica.



Em um ponto de convergência, o fazer criativo se une com o oracular e dá origem aos desenhos da sorte. “Comecei a perceber que certos desenhos acabavam sendo meio proféticos, em que eles faziam sentido de uma coisa que desejava ou que queria trabalhar em mim”, explica a artista. “O desenho da sorte é quase que um ancoramento de intenções. É algo em que tento sistematizar o processo de criação, já que eles são meio caóticos e não percebo muito bem como acontecem. Agora, estou tentando me afastar um pouco do caos para tentar entender como funciona”.

O desenho da sorte é sentimento de entrega em formato de imagem. Uma ponte que liga os desejos para presentear alguém especial e o mergulho nessa sensação. Ao entrar em contato com a artista para encomendar o trabalho, deve ser feito um texto curto explicando a ideia do que se quer oferecer através do desenho. A partir disso, a artista faz meditação e consulta os oráculos para criar e materializar, no papel, as intenções daquilo que a pessoa deseja presentear a ela mesma ou a alguém. O trabalho finalizado acompanha uma explicação de como o processo intuitivo acontece. “Também sugiro que a pessoa que vai presentear fazer uma dedicatória, porque acho que as dedicatórias em geral são meio mágicas e potentes, né?”, complementa.

“Teve um desenho da sorte que fiz que era de uma amiga oferecendo para uma outra amiga e ela falou alguma coisa sobre casa. Na hora da criação, me veio uma imagem muito forte de uma concha. E, a partir disso, me deixei explorar essa imagem e fiz o desenho. Quando ela viu, ficou um pouco chocada porque já tinha dado uma concha para essa amiga deixar na casa dela”, exemplifica Isadora.

É preciso se desconectar do campo da linguagem e do racional para sentir o que transborda pelas telas de Isadora Machado. No fim, tudo é mistério e sensações subjetivas. “Procuro deixar livre para que as outras pessoas ponham as suas camadas de sentido porque o importante é que faça sentido para quem recebe meus desenhos porque isso também vai dando esse toque e qualidade mágica”, finaliza. 🌐

ONDE ENCONTRAR

📷 @pppaperplanes

✉️ prafalarcomisadora@gmail.com

🌐 isadoram.com

LAERTE, DIRETA E INTENSA

Laerte Coutinho mantém a precisão para comentar e ilustrar o Brasil.

POR OHANA LUIZE

FOTO ARQUIVO PESSOAL

Na reportagem da edição #45 de Revestrés, Laerte Coutinho comentou que a relação com o público nas redes sociais surpreendia pela rapidez nas respostas se comparadas com a lentidão das seções de cartas em revistas. Essas mudanças são acompanhadas por Laerte ao longo de sua trajetória como cartunista, chargista, ilustradora, quadrinista e roteirista. Aos 69 anos, o caminho da artista está lado a lado com a trajetória pessoal e o intenso ativismo político percebido nas obras inteligentes e provocadoras – e mais outra infinidade de atributos.

Uma das ilustradoras mais premiadas do Brasil, já foi reconhecida em diversas edições do Troféu HQ Mix – importante prêmio dos quadrinhos nacionais, e também no Prêmio Angelo Agostini da Associação dos Quadrinistas e Cartunistas do Estado de São Paulo. Laerte venceu mais um em 2020 no 42º Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, como melhor arte pela charge com título *Infernópolis* – em que retrata um cerco policial e massacre ocorrido em Paraisópolis, bairro de São Paulo, em 2019, que terminou com a morte de nove jovens.

No currículo, estão participações como no histórico O Pasquim, a criação de personagens famosos como Piratas do Tietê, passando por alguns dos maiores veículos de imprensa do país e, atualmente, publicando na Folha de São Paulo, além de manter o blog Manual do Minotauro.



No Instagram seu perfil pessoal @laerteminotaura tem mais de 92 mil seguidores e outro, o @laertegenial, alimentado por fãs, tem mais de 600 mil. No twitter, Laerte compartilha trabalhos, opiniões e uma mensagem diária que questiona: “...quem matou e quem mandou matar Marielle? - queremos saber”.

Laerte influencia dentro e fora das redes. Como uma das fundadoras da Associação Brasileira de Transgêneros (Abrat), dedica-se a compromissos em defesa da identidade e dos direitos de pessoas transgênero. Protagonizou o primeiro documentário original produzido pela Netflix no Brasil (Laerte-se – 2017) e A Cidade dos Piratas, filme de Otto Guerra, levou o humor das histórias dos Piratas do Tietê para o cinema.

Nossa conversa com Laerte foi mais uma vez por e-mail, por onde responde rapidamente. Comentou sobre política, mídia e Brasil. E prefere dizer a respeito de si mesma de forma direta: “Eu me vejo e me sinto uma mulher trans”.

REVESTRÉS Discutir gênero parece ainda assustador na nossa sociedade. A que isso se deve? Estamos avançando?

LAERTE Estamos avançando, isso é visível - mas ainda vamos percorrer esse terreno de tensão. O tema, afinal, é mais complexo do que as visões simplistas consideravam, e as soluções têm que passar necessariamente por uma revisão de valores bem arraigados na sociedade. Pense em quanto ainda se discute se mulheres devem ou não mudar o sobrenome quando se casam. É só um detalhe.

REVESTRÉS Os discursos autoritários e de ódio ganharam espaço nos últimos anos. Qual o peso das charges e cartuns no combate a esses discursos?

LAERTE A palavra “peso” me faz pensar mais na parte que quer proibir, que quer censurar e reconstruir estruturas fascistas no país. Charges querem (ou deviam querer) detonar esse peso. Mas há muitas formas de se fazer charge e muitas cabeças de pessoas que fazem charge. Não dá para esperar uma ordem unida.

REVESTRÉS E como é sua relação de artista com as redes sociais? No seu perfil no Instagram tem a frase “não sei lidar com mensagens por aqui”.

LAERTE Especialmente o Instagram é um problema pra mim. Nunca me senti em casa ali, ao contrário do Twitter e do Facebook. Tenho achado o Facebook meio longínquo.

REVESTRÉS A esquerda brasileira demorou a perceber a relevância das redes sociais para a política?

LAERTE Pode ser. Acho que a campanha do Boulos (PSOL), para a prefeitura de São Paulo, mostrou um uso competente – e ético – das redes sociais.

REVESTRÉS Como é hoje sua relação com os movimentos sociais organizados e partidos políticos? De que maneira você posiciona seu ativismo político?

LAERTE Procuo participar segundo percebo ações com que me sinto em sintonia. Não quero entrar em partidos políticos, por ora.

REVESTRÉS Em entrevista para o jornal do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, em 2018, você declarou: “a mídia para mim deixou de ser uma coisa confiável de um modo geral”. Você continua com esse pensamento?

LAERTE Às vezes falo coisas precipitadas, às vezes falo bobagens, às vezes mudo de ideia. Não sei se diria isso hoje. Parte da mídia não é lá muito confiável, mesmo - mas parte me interessa. Aliás, eu faço parte da mídia.

REVESTRÉS Como você avalia a travessia do Brasil por esse momento de pandemia?

LAERTE O Brasil tem trunfos poderosos, como a existência do SUS e uma experiência positiva em crises de saúde; mas, ao mesmo tempo, tem a infelicidade de ter no governo um bando de irresponsáveis que tem custado muitíssimo e cujo estrago vai demandar anos para ser reparado.

REVESTRÉS Você também já declarou que sua trajetória de trabalho não está completa, pois está viva. O que ainda podemos aguardar?

LAERTE Ah, não faço ideia! ☹



VAI UMA RECEITA DIFERENCIADA AÍ?

Chefs de cozinha radicalizam a culinária regional e criam: pastel de panelada, hambúrguer de creme de galinha e cachorro quente de carne de sol.

Foto: Maurício Pokémon

POR VALÉRIA SOARES

As invenções de asiáticos e americanos no mundo gastronômico não contavam com a *expertise* do piauiense quando criaram pastel, hambúrguer e cachorro quente. Um século depois, o que era internacional se tornou regional. Só no Piauí você encontra pastel de panelada, hambúrguer de creme de galinha e cachorro quente de carne de sol. Criações de apaixonados pela gastronomia local, feitos com temperos que o mundo precisa provar e os *chefs* adoram utilizar como inovação.

Os autores dos experimentos gastronômicos encontraram na própria terra os insumos para recriar pratos de diferentes lugares do mundo. Elton Fábio, autor do pastel de panelada, apostou em um prato com bucho e tripas de boi. “Eu precisava fazer algo novo, porque com a chegada da pandemia começamos a trabalhar com o *delivery* e precisava chamar atenção dos clientes. Então, veio a ideia do pastel de panelada, já que no restaurante já trabalhamos com a venda da



panelada”, conta.

O pernambucano, residente em Teresina desde 1991, disse que a proposta foi bem desbravadora. “Eu consegui equilibrar, não é uma panelada raiz, mas a panelada que não tem excesso de gordura e cheiro forte. Com a massa adocicada, deu uma harmonia muito boa. A massa sequinha por fora do pastel e dentro o buchuzinho cortado em pequenos pedaços, bem suculento com leve toque de pimenta”, revela a receita.

Também foi durante a pandemia que o gastrônomo Danilo Pierote criou o hambúrguer de creme de galinha, com a técnica *Fusion Food* – adaptação de um procedimento do exterior com uso de ingredientes locais. “O creme de galinha é uma coisa muito presente aqui no Piauí. É a comida de infância, eu acho que de todo mundo”, comenta. A mistura de métodos que ele utilizou envolveu o empanamento do creme sem massa. “Eu sempre busco adaptar a minha realidade aos insumos que tenho”, acrescenta sobre gostar de inovar na cozinha, principalmente em hambúrgueres, que são sua especialidade.

Em Campo Maior, terra mais conhecida pela carne de sol, o *chef* Leonardo de Sousa usou da principal delícia gastronômica da região para elaborar um prato diferente: substituiu a tradicional carne moída do cachorro quente pela carne de sol. O prato que leva pão, salsicha, carne de sol salteada na manteiga da terra, chips de macaxeira, queijo mussarela, picles de maxixe e maionese à base de abóbora é um dos mais vendidos.

Com os insumos locais, os *chefs* têm apresentado novidades que têm dado certo na cozinha. “O nosso grande lance da gastronomia é essa inovação. A criatividade vem muito disso de aproveitar o local e fazer



“

O GRANDE LANCE DA
GASTRONOMIA É A INOVAÇÃO.
A CRIATIVIDADE VEM DE
APROVEITAR O LOCAL E FAZER
DA MELHOR FORMA. DANILLO PIEROTE



“

VALORIZO O QUE É DAQUI. GOSTO DE UTILIZAR PRODUTOS LOCAIS, A MANTEIGA DA TERRA NÃO PODE FALTAR NO MEU ESTABELECIMENTO.

LEONARDO DE SOUSA

da melhor forma possível. Trazer novas perspectivas”, destaca Danilo, que era advogado e tornou-se gastrônomo pelo amor que tem por cozinhar. Na sua cozinha, também já foi produzido o hambúrguer com paçoca, e já pensa em trabalhar com outros produtos

como pickles de manga, fruta bastante encontrada no Piauí.

Na mesma proposta, Leonardo tem criado diferentes atrativos para incrementar lanches. No seu estabelecimento é possível encontrar produtos com pickles de maxixe, chips de macaxeira e maionese de

abóbora. O *chef* Elton comenta que já fez pratos como escondidinho de galinha caipira e capote gratinado.

Os clientes aprovam. Até quem não gosta de panelada foi surpreendido com o pastel. Como foi o caso de Roberto Chaves, que não comia pastel e realizou uma degustação às cegas, feita pela esposa. “Foi uma experiência nova. Eu não como panelada e comi o pastel. Eu quebrei esse tabu com a panelada e foi muito bom”, disse o cliente do restaurante Pernambuco há 7 anos. Leonardo e Danilo afirmam ter o retorno positivo dos seus clientes. “As pessoas valorizam o que é local. Eu dou muito valor a isso e acredito que o mais importante é a aprovação dos clientes”, menciona Danilo.

TRABALHOS RECONHECIDOS

Com todo amor que sentem pela comida piauiense, os *chefs* são destaques em eventos gastronômicos no estado. Em 2015, Leonardo foi premiado na 5ª edição do Sabor Maior, em sua cidade. Ele, que teve receio em participar por na época se achar inexperiente, recebeu com surpresa a premiação. O *chef* Elton Fábio, que cresceu dentro do restaurante da família e dedica a vida para produzir os pratos que aprendeu com o pai, também celebrou um prêmio no Festival Maria Isabel, em 2017.

Eles são enfáticos em dizer que têm afetividade e carinho pelo que é da terra. “Eu sou muito apaixonado pela minha cultura, pela minha cidade. Valorizo o que é daqui.

Sou muito raiz. Gosto de utilizar produtos locais, a manteiga da terra não pode faltar no meu estabelecimento”, diz Leonardo.

Ser regional também está na moda, e é aproveitando o momento do piauiense gostar e se identificar com o que é feito na região que os *chefs* buscam usar cada vez mais a criatividade para incrementar ou criar novos pratos. “O toque regional é o nosso cartão postal”, afirma o *chef* Fábio.

“A culinária reflete muito o que nós somos. No Piauí temos essa cultura de acolhimento, de sempre cabe mais um, de mesa farta. Eu gosto de culinária nordestina e brasileira no geral, mas a piauiense tem esse significado especial”, finaliza Danilo. Quem é do Piauí aprova, e quem não é tem que provar. 🍴

ONDE ENCONTRAR

Pastel de panelada

Restaurante Pernambuco
Dream bar
Avenida Miguel Rosa, 1610,
Teresina/PI

Hambúrguer de creme de galinha

Toturgo
Avenida Nossa Senhora de Fátima,
1870, Teresina/PI

Cachorro quente de carne de sol

Larica
Avenida Santo Antônio, 477,
Campo Maior/PI



**O mais novo
livro de
André Gonçalves.**

**Disponível para
todo o Brasil
direto com o autor.
Disponível para
Kindle na Amazon.**

Twitter @andrepiaui
facebook /andrepiaui
email andrepiaui@hotmail.com
instagram @andrepiaui

Q
Quimera
ESPORTE CULTURA E EDITORAÇÃO

PEIXE VORAZ
POR LEO GALVÃO
@galvaoleo

QUEM É ESSA ATRIZ?

Filha de lavradores, nascida na roça e quebradora de coco babaçu desde os sete anos para ajudar os pais no sustento da casa. Esse poderia ser o começo, meio e fim da história de qualquer menina do paupérrimo sertão de Barras, no Piauí, mas esse não era o enredo do roteiro da vida de Edite Maria Rosa (@editerosa_).

O cenário é uma casa que ficava à beira de uma estrada que liga os municípios de Esperantina e Luzilândia. Caminhoneiros, viajantes e transeuntes paravam por ali para um banho ou uma dormida, todos recebidos por seu hospitaleiro pai. Entre idas e vindas, um simples e simpático casal para nas redondezas e monta o seu teatro de fantoches (mais conhecido como mamulengos), e toda noite era um espetáculo que reunia os vizinhos e, pela primeira vez, o sentimento daquele universo inunda o coração de Edite.

Mais tarde, também por ali, algumas mulheres do interior que trabalhavam como domésticas na capital Teresina, retornavam ao interior munidas de revistas antigas de celebridades. A menina se encanta pelo universo das divas da TV e do cinema e o que mais chamava atenção era a diferente aparência dessas mulheres, em comparação às mulheres

Ufa! Acabamos o ano que acabou com a gente. Promessas, vacina, vergonha, lives, eleições, zoom, estupro, racismo, ódio. Na nossa última coluna de 2020, tem mulher que é Deus, tem tendências de futuro, tem um guia para você entender seu privilégio e tem um convite à reflexão sobre tudo isso para todes nós. Respira, reza e agradece. Vem, 2021, mas vem de máscara.



da roça. Suntuosas, belíssimas e glamourosas, isso era combustível para sonhar e querer um dia figurar naquelas páginas.

Chegou a hora do casal dos mamulengos partir e ganhar estrada e, junto com isso, veio a ousada proposta de levar Edite para bem longe com a dupla. “Mesmo morando no interior, nunca fui tímida, sempre fui dada para as pessoas. Topei ir embora com eles e não existia um sentimento de medo ou tristeza”. Madrugada adentro, na hora da fuga, Edite dorme um pouco a mais e perde a carona. “Acordei atônita procurando por eles, mas já era tarde demais, coisa de Deus, que não permitiu que isso acontecesse”, profetiza Edite.

Desde então a vontade só aumentou. Aos 12 anos, Edite começa a suplicar aos pais para ir à capital em busca de oportunidade para sua tão sonhada carreira. Pedia para falar com conhecidos fazendeiros e donos de terra, “meu pai não admitia que eu fosse curica da casa de branco, mas consegui convencer e cheguei em Teresina”. Sozinha, sem conhecer ninguém e sem saber por

onde começar, Edite acabou conhecendo um rapaz e casa com ele antes de completar 15 anos - nascem três filhos do romance. O sonho ficava cada vez mais distante. De repente, Edite descobre uma oficina de artes para a terceira idade ministrada pela atriz piauiense Carmem Carvalho, mas Edite tinha apenas 31 anos. Persistente, pediu, implorou, relutou, insistiu até que conseguiu entrar. E desde então, como o nome artístico Edite Rosa, nunca mais parou. Com 59 anos e 28 anos de carreira, a menina sonhadora acumula 18 peças de teatro no currículo, mais de cinco filmes com exibição em circuito nacional e seis prêmios de melhor atriz, sendo três vezes consecutivas no Melhores do Teatro Piauiense.

Pergunto a Edite qual o seu maior sonho e ela entrega: “Há dois anos meu maior sonho era ser atriz reconhecida nacionalmente e internacionalmente, hoje eu já não tenho mais. Meu sonho atual é um mundo sem violência, barbaridade e crueldade. Que as pessoas pensem mais em Deus, a volta do filho de Deus está perto!”

Edite Rosa finalizou recentemente as gravações da série “Sementinha”, de Moisés Bittencourt, no Rio de Janeiro. Teve as gravações de “Babaçu Love”, de Cícero Filho e Hortelã, de Thiago Furtado adiadas e “Casa de Penhores”, texto de Isis Baião e direção de Arimatan Martins, interrompida. Deus é mulher. E é uma mulher atriz. 📍

TODXS MUNDXS

Luiz Arruda (@luizarruda), pesquisador de tendências e diretor da consultoria WGSN Mindset LATAM, fala sobre futuro, privilégio e como você pode ser um agente transformador na realidade em que você vive.

Diante da sua experiência como pesquisador e sua sensibilidade como ser humano, o que esperar do futuro?

LA - Precisamos deixar claro desde agora que estamos falando de futuros, não apenas de um só futuro. Dentro do Brasil, da nossa realidade, cabem muitas realidades, são muitos presentes, não existe todo mundo, existem todos mundos, não podemos fechar o olho para isso. Quando mapeamos futuro é uma premissa importante da gente perceber.

Precisamos entender alguns pontos. Sabe aquele pensamento que alguns tinham que a quarentena ia ser aquele momento transcendental, transformacional e que íamos mudar como seres humanos? Que faríamos uma revisão do capitalismo como modo de produção, as regras do jogo vigente? Infelizmente não vai ser desta vez. As mudanças estruturais levam tempo para acontecer. Não vejo mudanças para todos, esse é o primeiro ponto, mas vejo, sim, fazendo um recorte privilegiado, que algumas informações importantes podem impactar o futuro. Enxergo um convite à reflexão em relação ao nosso consumo, à manutenção das

relações, o modelo de trabalho, à nossa rotina. Então existem algumas transformações importantes que devem ser olhadas sob uma lente mais individual que coletiva, já que nem todo mundo responde igual, nem vive o mesmo contexto, quem aceitou esse convite está reconhecendo isso.

Existem três aceleradores que são mudanças importantes para o futuro. Percebemos um aumento gigantesco de ansiedade e medo - eis aqui o primeiro acelerador. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o Brasil já é o país mais ansioso do mundo e, nesse momento de tanta instabilidade e insegurança, aumentou uma ansiedade que antes era em único aspecto da nossa vida, e agora passa a ser transversal: saúde, trabalho, futuro financeiro, entre outros. E é neste aspecto que eu faço uma provocação para as marcas: vocês serão agentes dessa ansiedade ou vão trabalhar para aplaca-la? Vai impor ao seu consumidor mais tarefas e mensagens ou vai investir em relacionamento e diálogo?

O segundo acelerador é economia digital. O consumidor quarentenado privilegiado entrou de vez nos aplicativos, sites e plataformas de produtos e serviços na internet. São ferramentas que diminuem a exposição ao risco de contágio e

muita gente que não se aventurava, por insegurança ou medo, agora é adepta. Não voltaremos a esses mesmos hábitos de antes. E esse universo vai além de consumo, atinge a maneira de como a gente trabalha, como educamos nossos filhos, como cuidamos da nossa saúde e como operamos a nossa vida a partir de agora.

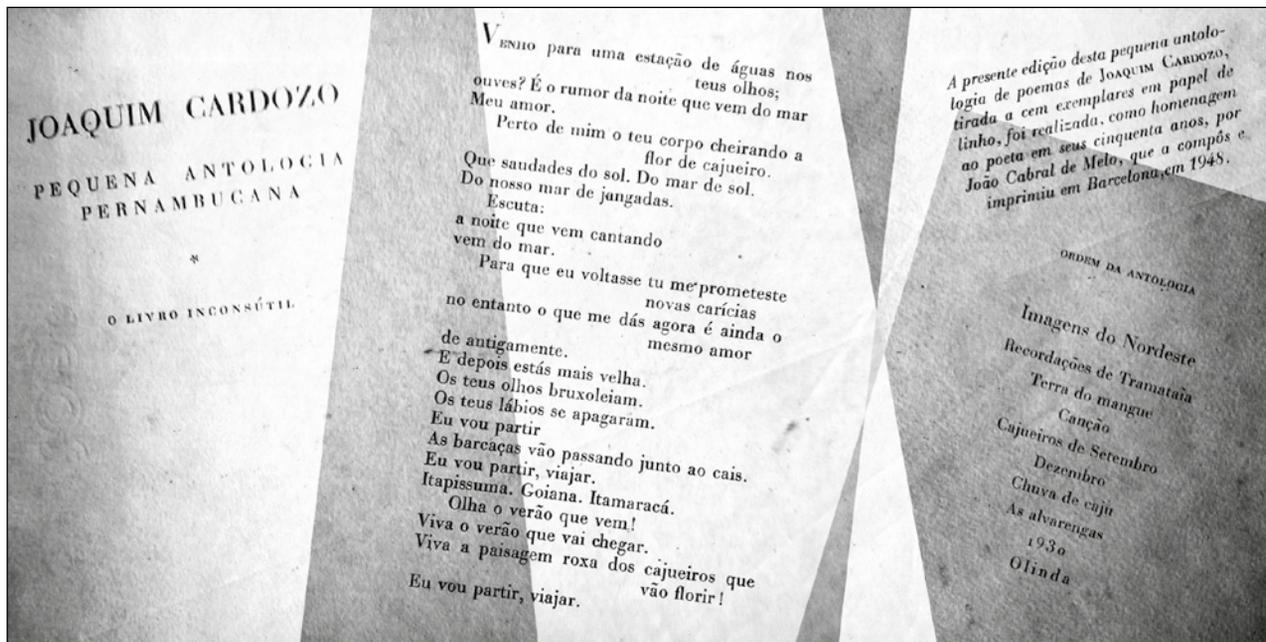
O terceiro e o último acelerador é o isolamento emocional. As consequências de não socializar, principalmente para a nossa saúde mental. No começo da quarentena a gente tinha a ideia de *over pro-atividade*: leia um livro, faça mais exercícios, cuide das plantas, aprenda novos *hobbies* e a gente entendeu que não dá pra fazer tudo no momento que se está isolado.

Qual é o futuro dos sonhos do Luiz?

LA - O que enxerga mais futuros. Que eu consiga me informar mais, fure a minha bolha, entenda outras realidades. Que eu seja agente de transformação, use o meu trabalho e o que eu tenho de melhor a favor de outros presentes, outros pontos de vista. Que eu reconheça o meu privilégio e busque um futuro que faça sentido para além de mim, mas para o outro também. ☺

HERBERT LOUREIRO É O CONVIDADO QUE ILUSTRA ESSA EDIÇÃO - @HERBBBBIE CONHEÇA, DIVULGUE E INCENTIVE O TRABALHO DO ARTISTA.

TRABALHOS NO SUBSOLO POR MANOEL RICARDO DE LIMA



JOAQUIM CARDOZO, 10 ANOS DEPOIS

Numa carta do poeta João Cabral de Melo Neto para Clarice Lispector, datada de 08.12.1948, ele lhe pede que ceda seu **Coro de Anjos** para uma pequena edição na *Livro Inconsútil* (pequenos livros que João Cabral fazia porque um médico lhe receitara, como tratamento fisioterapêutico, que dedicasse um tempo a trabalhos manuais, assim decide imprimir livros numa prensa manual). Depois, avisa a Clarice que vai lhe enviar a “Pequena antologia Pernambucana”, o livrinho que fez com poemas de Joaquim Cardozo. E anota: “Conhece V. a poesia de Cardozo? Soube que publicaram há pouco, no Rio, suas poesias completas, arrancadas do autor, que nunca publicara livro, e baseadas em textos ‘fixados e estabelecidos’ pelo poeta e por mim, quando estava no Rio (o poeta não tinha cópia de nenhum poema; e assim, meu trabalho foi: pedir aos amigos as versões que possuíam e submetê-las à memória do poeta que as corrigisse). Pois desses textos, num momento de *añoranza* da luz recifense, escolhi os mais diretamente pernambucanos e organizei-os numa antologia que estou imprimindo. O

próprio Cardozo não sabe de nada, nem da estrutura que dei ao livro (um tanto especial) nem do próprio livro. A ver se lhe agradará.”

O desejo de João Cabral em editar a poesia e todo o trabalho do também pernambucano Joaquim Cardozo tem a ver, diretamente, primeiro com a importância que lhe atribuía como uma primeira referência à sua poesia e, depois, com pauta do pensamento sofisticado e silencioso desse engenheiro calculista, poeta, dramaturgo, crítico de arte, de poesia e de arquitetura. Pensamento marcado por uma linha de variantes intensa que pode fazer o caráter pedagógico, institucionalizado e hierárquico das leituras já cumpridas do modernismo brasileiro se mover para outro lugar [modernismo muitas vezes meramente localizado em São Paulo por circunstâncias econômicas, logo culturalmente centralizadas numa única ideia de civilização anulando outros móveis, como os que aconteceram no Ceará e como o que acontecia em Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre etc.]. Imaginar modernismos mais díspares, mais pantanosos, mais próximos da alucinação do cálculo

matemático, de uma memória fabulosa ou de problemáticas mais plurais.

Num desvio de propósito, uma espécie de *baixa sedução* e um *dispêndio*, seguindo aqui as proposições de Georges Bataille, Joaquim Cardozo ajustava sua postura política a um gesto radical entre modesto e lúcido, como disse dele o arquiteto Oscar Niemeyer na revista *Módulo*, em 1961: “... o trato ameno e simples do homem inteligente – Cardozo é o brasileiro mais culto que conheço – incapaz de impor uma opinião com a intransigência das coisas irrefutáveis, apresentando-as sempre como sugestões pessoais, que julga justas e convenientes.” E, mais adiante, acrescenta: “o homem simples que se situa, modesto e lúcido, diante do mundo transitório em que vivemos (...).” João Cabral, ciente de tudo isso, manteve o desejo de publicar uma espécie de obra errante, porque sempre incompleta, de Cardozo, até bem perto de morrer.

Duas referências a esse apontamento: 1] Maria da Paz Ribeiro Dantas, certamente uma das pesquisadoras mais pertinentes do trabalho e do pensamento de Joaquim Cardozo, autora de 3 livros sobre o trabalho dele como poeta e um pensador para o futuro, exatamente por causa da relação tensa que arma entre o poema e a matemática, a cultura e a física, a astronomia e a alegria etc. E 2] Everardo Norões, poeta de dimensão erudita e alucinatória, que concentrou imensos esforços para a organização do volume tão sonhado por João Cabral. A edição saiu em 2009, equivocadíssima, pelas editoras Nova Aguilar, do Rio de Janeiro, e Massangana, de Recife, com o apoio da Fundação Joaquim Nabuco: sem o nome de Everardo Norões, o organizador, e outras várias questões, como a ausência das seis peças de teatro, bumbas, que Joaquim escrevera também num desenho vertiginoso a partir das assombrações míticas do sertão nordestino e do cálculo matemático. À época, escrevi um longo texto para o caderno *Ideias*, do **Jornal do Brasil**, quando o editor do mesmo era Rodrigo de Almeida, cobrando um melhor tratamento ao trabalho de operário com o pensamento que Everardo fizera, até como uma formulação respeitosa a Maria da Paz, que veio a falecer em seguida. Assim, a edição foi recolhida e em 2010 publicou-se uma reedição do livro apresentando algumas correções, como o nome do organizador, agora indicado, mas ainda sem o teatro e com o título de **Poesia completa e Prosa**.

Em que pese o falseamento absoluto promovido pelas estratégias de mercado, logo, do capital, em torno da ideia de “obra completa”, um contrassenso, tanto pelo substantivo monopolizador, o de “obra”, quando pelo

adjetivo mortificante, “completa”, expressão que retira a modulação que engendra um pensamento de trabalho, com um trabalho, mas que é ainda muito usual ou, mais severamente, num contraponto, muitas vezes num modo preguiçoso, a organização de antologias que funcionam como mapa, ou seja, controle e poder, em torno da composição delicada e forte da composição de uma vida com um trabalho.

O que fica, desse conjunto reunido, agora, 10 anos depois, é que o pensamento silencioso de Joaquim Cardozo é um móbil incessante que nos lança sem parar diante desse momento em que estamos, um “tempo de alarme”. Ele mesmo disse: “Ninguém se lembrou que o silêncio pode ser uma energia ainda desconhecida e que sua concentração pode, ou se abafar inteiramente, ou explodir; (...). Ou mesmo, quem sabe, fora a própria materialização do silêncio. Se não a explosão, a implosão do silêncio.” É com esse propósito à política que se pode imaginar a circunvolução de um pensamento que tende à *vulnerabilidade*, aquilo que nunca está pronto ou acabado, logo, nunca está “completo”, e que se constitui por um estado danificado, destruído em si: uma construção oscilante, sem nome, território ou língua, para a destruição da destruição, tal como imaginara Walter Benjamin em seu *Caráter destrutivo*. Isto converge, primeiramente, à expressão *forma-formante*, que é um conceito essencial no pensamento de Joaquim Cardozo: esta ambivalência oscilante da forma que se abre e se expande por meio do *esforço*, quando esforço é aquilo que vem num engendramento [imaginar, engenhar, inventar] da *teoria da deformação*, porque no cálculo estrutural tudo é feito para que não se deforme nem deforme o *real* daquilo que constrói; Joaquim entende que *esforço* é um “estágio da experimentação em que o corpo se deformando começa a deformar, por sua vez, o corpo deformador.”

Platão, no **Timeu**, comenta que o céu é esférico, que todos os pontos extremos do universo teriam uma mesma distância para um suposto centro que, por sua vez, manteria também uma distância e uma mesma medida com todas essas extremidades. O cosmo, para Platão, como uma imagem móvel da eternidade, está constituído assim numa dimensão de extremos, e qualquer tentativa de mensurá-lo se apresenta como descabida, inadequada. O universo não tem centro, e isto é político e interessa muito a Joaquim Cardozo, uma *geodésica do mundo* da qual o tempo faz parte: uma linha que cobre uma superfície, uma curva cuja *normal principal* coincide, em cada ponto, com a *normal* a essa mesma superfície. ❸

EU QUE FIZ POR EDNARDO



O ano era 1974, eu estava em São Paulo preparando músicas para o disco que gravaria este ano em outra gravadora, já tinha algumas prontas, era meu primeiro disco solo e foi quando veio a lembrança de um cordel que li quando era adolescente.

"Eu vou contar a história de um pavão misterioso, que levantou voo na Grécia com um rapaz corajoso, raptando uma condessa, filha de um conde orgulhoso"... de repente bateu aquele estalo de traçar um paralelo entre a situação política brasileira na época da ditadura que retinha a liberdade enclausurada, como a donzela do cordel

em uma torre inacessível aos brasileiros.

Ao mesmo tempo veio a ideia de fazer o disco como se fosse um cordel urbano, contando a saga artística e vivencial de uma pessoa saindo de sua terra de origem, inventando seus mecanismos de voos para sobrepor as dificuldades até vencê-las.

E veio vindo a letra da música junto com a música inteira em ritmo de maracatu, que é um ritmo fascinante e hipnótico que escutei desde quando era criança pelos carnavais de Fortaleza. E assim nasceu "Pavão Misteriozo" que deu título ao meu primeiro disco solo. ❶

PAVÃO MYSTERIOZO Ednardo

*Pavão misteriozo, Pássaro formoso
Tudo é mistério nesse teu voar
Ai se eu corresse assim
Tantos céus assim
Muita história eu tinha pra contar
Pavão misteriozo
Nessa cauda aberta em leque
Me guarda moleque
De eterno brincar
Me poupa do vexame
De morrer tão moço
Muita coisa ainda quero olhar
Pavão misteriozo
Pássaro formoso
Tudo é mistério nesse teu voar
Ai se eu corresse assim
Tantos céus assim
Muita história eu tinha pra contar
Pavão misteriozo
Pássaro formoso
No escuro dessa noite
Me ajuda a cantar
Derrama essas faíscas
Despeja esse trovão
Desmancha isso tudo
Que não é certo não
Pavão misteriozo, Pássaro formoso
Um conde raivoso
Não tarda a chegar
Não temas minha donzela
Nossa sorte nessa guerra
Eles são muitos
Mas não podem voar*

O Natal
é a gente quem faz!



Uau!
Que apresentação de natal.



O Teresina Shopping tem o melhor mix de lojas para você comprar e presentear toda a família.

Neste Natal, saia de carro zerinho!

A cada 200 reais em compras, troque suas notas e concorra a 2 Fiat Toro.

Baixe o app



 TERESINA
SHOPPING

Natal do Teresina Shopping é uma parceria com grandes marcas



ESTÓRIAS MÍNIMAS

VÍCIO MALDITO!

O marido, que não fumava, saiu no meio da noite pra comprar cigarro. Voltou dez anos depois, com câncer nos dois pulmões.



O AMOR

Amaram-se como se fosse a primeira vez. E era a última.

CALIGRAFIA

Voltou dos braços da amante decidido a propor divórcio. Encontrou a casa vazia e um bilhete na porta da geladeira. Chorou só de ver a letra.

OS MORTOS NÃO ENVELHECEM

Meu pai me olha do porta-retrato, jovem para sempre. Sorri, mas vejo nele o horror de quem olha um velho que outro dia carregou no colo.



O AMOR QUANDO ACONTECE

Não fez as unhas, não se depilou, não vestiu a lingerie de renda preta. E amou-se loucamente a noite inteira.

A ONÇA

Debaixo da cama a onça velava o sono do menino. Ontem voltei à casa de infância: a onça já não tinha dentes; os pesadelos comeram-me a alma.

MÃE DA PRAÇA DE MAIO

Não dormia enquanto o filho não chegasse. Então, uma noite, nunca mais dormiu.

O SENHOR TOLERE, ISTO É O SERTÃO

O barulhim das'água dum riacho seco, o estrebuchado do sapo no bucho da cobra, o zunir de grilos e tiros: Deus, armado, a mando do Demo...

OS AMANTES DA TERRA REDONDA

Despediam-se com lágrimas de nunca mais, quando um deles lembrou: – A Terra é redonda! E sorrindo seguiram então em direções opostas.



O BAILE

Os dedos dele nas frestas do meu vestido e eu rezando: Deus, que a orquestra não pare, que não venha a manhã, o amanhã, os filhos, a vida.

CORAÇÃO MATERNO

Nada mais triste que a mãe enterrar o filho. Mas aquele bem que mereceu: ele já com a boca cheia de terra, e ainda me xingando com os olhos.

PARTILHA

Na separação, eu e o cachorro ficamos com meu pai; minha irmã e o gato, com minha mãe. E cada um de nós passou a ser só metade.

UM HOMEM E SETE DESTINOS

Tinha vários destinos à sua escolha. Quis o destino que escolhesse o pior de todos.

PAIXÃO E FÉ

Eu de joelhos, rezando, ele vem, levanta meu vestido, rasga, me pega por trás, bate na minha bunda, não, ele não vem, e eu de joelhos, rezo.



QUERIDO PAPAÍ NOEL

Eu quero um sapatinho daí no outro natal o senhor me dá a janela pra botar o sapatinho e quando puder o senhor põe um brinquedo no sapatinho

MATADOURO

O patrão botou a culpa em mim, mas os bois e as vacas é que tramaram tudo. Ah! Deu gosto ver a carinha de alegria deles na hora da fuga...

DIA DOS NAMORADOS

Comprou três calcinhas idênticas, mas de numerações diferentes. Agora espera uma namorada. Qualquer uma: P, M ou G.



O FIM DO MUNDO

Soube, por fonte segura, que o fim estava próximo. Bebeu, fumou, cheirou, chorou, trepou, comeu, fodeu e deu. Até hoje processa o profeta.

O MICROCONTO DO SÉCULO

Queria escrever o romance do século. Mas quando o avião começou a cair, só teve tempo para o microconto.



**essencial
é viver
o natal!**



/ArmazemParaibaOficial



@Armazem_Paraiba



@ArmazemParaiba

Enfeite o Natal com o mais importante de todos os brilhantes, o seu amor.

Agradeça as conquistas com a mais sincera gratidão. O que ainda não alcançou aguarde paciente com toda a esperança.

Viva o Natal com o que há de mais essencial neste momento, a sua generosidade.

AS 10 DICAS POR HUGO DOS SANTOS

FOTO MAURÍCIO POKEMON



1. UMA MÚSICA

Ensacado (Cátia de França). Conheci Cátia na Paraíba, uma pessoa muito simples, que tem uma longa carreira e ainda hoje não consegue ter um plano de saúde. Cátia, ainda na década de 1970, lançou trabalhos revolucionários, e está na ativa até hoje.

2. ALGUÉM QUE DEVE SER ESCUTADO

João Narcoliricista.

3. UM TRABALHO QUE VOCÊ CURTIU FAZER

Foi uma experiência muito intensa ter gravado Tupi Machine - Ao vivo na sala do estar. Esse trabalho foi feito com muitos amigos talentosos como Kilito Trindade, João Narcoliricista, Tânia

Nery, Mudo... Um dia antes da filmagem a mãe do meu filho Tomé foi internada com um problema de saúde, e pensei muito em desistir de fazer esse trampo. Foi uma luta dura, mas com essa galera fortalecendo, conseguimos.

4. UM LIVRO

Assim falou Zaratustra(Nietzsche). Li esse livro algumas vezes, e durante anos ele ficou ao lado da minha cama, abria em qualquer página e lia um pouco.

5. UM LUGAR

Luis Correia, Piauí.

6. UM CLIP

Racionais- Vida Loka II.

7. UM INSTRUMENTO

Violão. Esse instrumento me acompanha da adolescência até aqui. Esteve comigo nos momentos difíceis e em muitas alegrias.

8. COMPOSIÇÃO É...

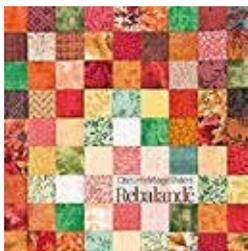
Componho pra desaguar minhas impressões sobre tudo. Mas é incrível quando acontece de me perceber apenas como um instrumento de passagem de energia, quando a música vem pronta e você sai escrevendo, cantando e tocando, como se já conhecesse tudo que está fazendo naquele momento. Faço também muitas composições mentalmente, sem escrever ou tocar, parecido com o processo de lembrar de uma música já existente. Na maior parte das vezes não fico satisfeito com a composição, e se isso acontecer deixo aquela música ir embora. 90% das canções que fiz foram embora.

9. SER ARTISTA É...

É viver o absurdo. É desaprender.

10. O QUE ESPERAR DE 2021?

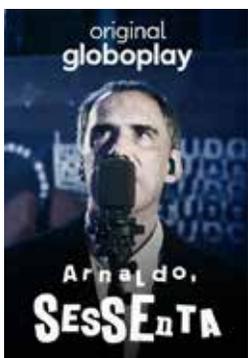
Espero que em 2021 possamos voltar aos palcos da vida, que possamos respirar melhor.



MÚSICA - CD
REBALANDÊ
OSNIR VERÍSSIMO E
FRANCISCO MAGALHÃES

as dez composições, que passeiam pelo samba, pelo fado, forró, maracatu e outros estilos. Destaque para *Canto para Caymmi*, *Ciranda para Clodo*, *Clésio e Climério* e a faixa que dá título ao CD, *Rebalandê*. Um belo passeio pelos vários ritmos, em um trabalho bem arranjado, bem gravado e muito agradável de se ouvir.

A dupla Osni Veríssimo (músico, compositor e arranjador) e Francisco Magalhães (letrista e jornalista) já compôs mais de 100 canções. Essa prolífica parceria resultou, em 2020, no CD *Rebalandê*. Nele, dez artistas piauienses interpretam



MÚSICA - DOCUMENTÁRIO
ARNALDO: SESENTA
COM ARNALDO ANTUNES;
DIREÇÃO: RICARDO CALIL, GIAN
CARLO BELLOTTI, FELLIPE AWI

chos de vídeos antigos (vários deles mostrados pela primeira vez) da carreira do ex-Titã e considerações do "sessentão" a respeito da vida, da poesia e da música. E, ainda, onze apresentações musicais e dois poemas recentes: *Saga* e *Um Deus*. Para ver e rever.

O poeta, músico e artista visual Arnaldo Antunes completa 60 anos de vida e, como celebração, a Globoplay lançou o documentário *Arnaldo, Sessenta*, que faz um breve passeio por sua vida e obra. O filme foi realizado a partir de uma entrevista de Arnaldo a Pedro Bial, e traz tre-



FILME
**FICO TE DEVENDO
UMA CARTA
SOBRE O BRASIL**
DIREÇÃO: CAROL BENJAMIN

libertado e se exilar em Estocolmo. Já a mãe de César e avó de Carol, Iramaya, teve a vida transformada e tornou-se incansável militante pela liberdade e pela anistia, mesmo tendo marido militar. Ao mesmo tempo potente e delicado, *Fico te devendo* é uma das mais recentes pérolas do documentarismo brasileiro.

Fico te devendo uma carta sobre o Brasil é um tocante e surpreendente documentário que conta a história de três gerações da família da diretora, profundamente marcada pela brutalidade da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). O pai de Carol Benjamin, César, foi preso aos 17 anos e ficou em solitária por mais de três anos, até ser



LIVRO
**O MÉTODO
DA EXAUSTÃO**
MANOEL RICARDO DE LIMA
EDITORA GARUPA

de Letras e do PPGMS na UNIRIO. Já publicou, entre outros, *Geografia Aérea*, *Jogo de Varetas*, *As mãos e Maria quer o mundo*, e assina a coluna *Trabalhos no Subsolo*, na Revestrés. Em dezembro, *O Método da Exaustão* foi incluído na lista dos melhores livros do ano pela revista literária Quatro Cinco Um.

O Método da Exaustão é o mais recente livro de Manoel Ricardo de Lima, recém-lançado pela Garupa. Segundo Marcelo Reis de Mello, em resenha no site da revista Cult, é "uma resposta pungente à velha (e ainda necessária) pergunta sobre a força ou subserviência da escrita às formas deste mundo". Manoel é professor da Escola

**UM OUTRO OLHAR
POR RITA SANTANA**

SOU TUA E SENHORA

Sou tua e Senhora
Partilho somente contigo [quando a ti amo]
Veemência e êxtase.
Apenas contigo penetro à santidade
E faço-me a Escolhida.
A Tua. A do teu Tempo.
Aquele que em segundos ínfimos
É o espelho e a combustão.
Não há paradoxo em te querer:
Quero-te, liberto-me!
Eis o desafio de declamar para rochas:
Existir, apesar da força das correntezas
E dos mugidos dos ventos.
Apartar-me de ti para sobreviver ao Amor
E à desilusão de cada pacto rompido.
É meia-noite e trinta e sete minutos!
Lá fora, cavalos relinçam.
A lua partida ao meio ameaça fulgor e quietude.
A realidade é uma invenção fantástica!

MARINHA

Todos os dias,
Afundo as mãos em Oceanos,
Mergulho em enseadas e rios,
Em busca do Silêncio.
Entre juncos, musgos e algas,
Encontro-me com a Solidão.
Embarcações rubras dançam
Valsinhas à beira do cais.
Engano-me com a pacatez das ostras
Deitadas sobre o esquecimento.
Murmúrios sustam a letargia das Horas.
As Deusas prevaricam informações,
Demoram-se sobre os corais que cobrem os barcos.
Busco, acintosamente, entre todos, a Ti!
Busco-te em meio aos operários de Tarsila.
Busco-te no arsenal de Rivera,
Enquanto distribuo armas aos rebeldes,
Enquanto, adrede, apaixono-me.





nosso jeito de ser **brasileiro.**

Viver nossa brasilidade é contemplar o que existe de mais belo em nosso povo, nossas paisagens e nossa cultura. É respirar a essência de saber que somos grandes, somos fortes.

Em 2021, vamos percorrer caminhos que só existem aqui. Juntos vamos conquistar novos destinos, pedalando distâncias que romperão as barreiras dos seus limites.

Afinal, este é o Nosso Jeito de Ser Brasileiro.

Em Breve, Audax 2021.



www.audaxbike.com

© @audaxbike f audaxbike A audaxbike

Esperança de Rever seu SORRISO



Bolefeira

***Mas, por enquanto, vamos continuar
respeitando a Covid-19 até a vacina chegar!***



Você é uma
COOR
da nossa História

HALLEY
Gráfica • Editora • Cartonagem